

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL



III SÉRIE

LISBOA — DEZEMBRO DE 1923

NÚMEROS 10-12



DINORAH — POR MARTINHO DA FONSECA

ADQUIRIDO PELA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA,
NA XX.^a EXPOSIÇÃO DA SOCIED. NAC. DE BELAS-ARTES

O NATAL

FOI há dois mil anos que, lá para as bandas da Palestina nasceu o Menino-Jesus.

Desde esse dia até hoje têm-se derruido impérios, os poderosos têm-se reduzido ao nada, têm-se esquecido os grandes feitos, mas o nascimento de Jesus Cristo continua a ter um altar no coração do povo.

É esse altar que aparece definido, materializado nos lindos presépios, um dos ornamentos mais encantadores da alma popular. Com as características da vida regional bem vincadas, o presépio oferece aos olhos a majestade dum trono, mas destila na alma a humildade das palhas em que Maria o envolveu. Há nele ingenuidades pueris, mas há também pormenores curiosos, revelações artísticas, verdadeira inspiração rústica que o tornam um monumento belo do folclore português.

No sul adivinha-se no presépio a herdade alentejana, onde não falta a searazinha que mãos de donzelas semearam em pires e chãvenas. No Algarve não se esqueceram as douradas laranjas a lembrar na poeirada da luz as estrelas que presenciaram o aparecimento do Messias e, igualmente, lá se contempla o verde côr de esperança do trigo misturado com o verde-escuro da murla, a flor da Vênus, deusa do amor.

É o Natal da Província que tem mais encantos, mais beleza mística.

Mal se entra na segunda quinzena de Dezembro começam os combóios a despejar pelas aldeias caras novas e almas novas. Um ambiente festivo paira por toda a parte. São abraços dos velhos companheiros da escola, beijos da família, olhares meigos das antigas conversadas que nesses dias acolhem com um carinho de perdão aqueles que fizeram alvorecer os seus amores primeiros! São estudantes que regressam a férias ciosos das sopas paternais e desejosos de ver as pequenas da sua terra. São os apaixonados que de longe vieram ver as suas noivas, provando-lhes que a separação robustece as dedicações fortes, conforme um pensamento que reza assim:

«A ausência diminui as paixões mediocres e aumenta as grandes, à semelhança do vento que apaga uma vela, mas que atea um incêndio».

Na noite de Natal não há casa nenhuma do campo que não ponha na lareira um madeiro enorme, cepo ressequido que ha-de arder até aos Reis e que possui a virtude de fazer milagres... Em certas terras algarvias quem chegar a ver nove madeiros não sofrerá de dores de cabeça durante um ano.

É à lareira que a família se reúne depois da missa do galo. Ali ceiam em festim ruidoso. Cá fora pode haver frio, gelar até, mas nas almas há o sol da felicidade.

É não é só na casa do lavrador abastado que impera o regosijo. A alegria com as suas vestes domingueiras também se senta à mesa daquele que labuta noite e dia para ganhar o magro sustento dos filhos. É que a alegria é como a modesta violeta que não floresce só no canteiro do jardim, brota também no valado da serra.

Depois da ceia, o Menino, que traça vestidinho de setim azul-celeste e ostenta uma medalhinha ao pescoço, é brindado com um feixe de confitas, já vindas de muito longe:

Cantemos, vamos cantar,
Cheios de santa alegria.
Que nasceu o Deus-Menino,
Filho da Virgem Maria.

Nasceu em pobre arramada,
Onde hoje e mola havia,
Sem mantia, nem cobertores,
Em uma noite tão fria...

O meu Menino-Jesus,
A vossa capela cheira...
Cheira a cravos, cheira a rosas,
Cheira a flor de laranjeira.



A ADORAÇÃO DO MENINO-DEUS

(Sec. XIX)

Da coleção de Alberto Sousa

Em Lisboa, a festa do Nascimento do Redentor apresenta-nos também aspectos curiosos. As ruas enchem-se de gente, admirando a Árvore do Natal. As criancinhas adquirem a sua melhor riqueza — um brinquedo engraçado e que faz acordar nas fias bonitas, vizinhas dos 40, a sua maior tristeza — a recordação da sua primeira boneca.

Os rapazes procuram brindes mimosos para as donas dos seus corações, e os velhos, que nunca pensaram que foram novos, recordam-se de que o foram e sentem, numa comunhão de saudades e de lágrimas, que cada Natal que passa mais os aproxima dos seus.

As cidades modernas, onde hoje dominam as ambições, os ódios e os egoísmos, são neste dia mais humanas. Os ricos repartem com os pobres e os pobres abençoam os ricos. É só neste dia que os senhores reconhecem que o melhor modo de prevenir a revolta dos que não têm pão, é dar-lho.

A noite de Natal, que é mãe bondosa para todos, parece revelar-se madrastra para os que gostam da solidão e para os solteiros.

Não há ninguém que não tenha horror de estar só, e pede-se aos Céus um amigo para conforto e distração do espírito.

Conta-se que Fialho, vendo-se sem companheiro numa destas noites, acabou por convidar para ceiar com ele o primeiro pobre do asilo que encontrou.

É que tudo acode ao cérebro do que passa a noite de Natal sozinho. E para este é bem certo o que pensava Temístocles:

«Aquele que me ensinasse a esquecer o que eu quisesse, far-me-ia maior obséquio do que se me ensinasse a recordá-lo».

Os celibatários sentem bem a necessidade imperiosa duma voz de mulher que nunca se cansasse, e, não se envergonham de sustentar que as conversas femininas têm muito mais valor do que pretende um espiritualoso ao afirmar que a mulher preen-

che o vácuo das conversações à maneira de aqueles feixes de palha que se colocam nas caixas que contêm porcelana, e de que ninguém faz caso, mas sem os quais ela se quebraria ao ser transportada.

Tanto nos campos como nas cidades, aqui, em toda a parte do mundo, o Natal tem uma cerimónia comum — a ceia. Em todas as manifestações do espírito o estômago soube manter íntimas relações com o seu vizinho do lado esquerdo...

Na ceia o lisboeta, de sensibilidade doentia, dada pelos requintes da civilização, ri, canta e às vezes chora em segredo. O coração, diz Pascal, tem suas razões que a razão não conhece. Por isso não é estranhável que junto da mesa surja a lembrança dos mortos e que para eles esvoace um bando de saudades! E o jardim das saudades tem às vezes uma porta falsa para os subterrâneos da dor!

Este, que foi pai amantíssimo, lembra-se do filho morto que ceara ali no ano anterior; aquele, que foi noivo afectuoso, vê bem que as mulheres apaixonadas não morrem completamente e, ainda através do túmulo, transmitem sonhos, amor, vida!

Ainda aquele outro, deixa transparecer no seu rosto mudanças constantes de expressão, — ri e chora em silêncio. Na sua alma cai uma chuva abençoada de beijos muito ternos, atirados por um ser feminino que já não pertence à terra!

— Ah! conheço-te!...

E a sua voz embarga-se-lhe na garganta, e uma lágrima pequenina, e um sorriso quasi imperceptível não o deixam falar.

«Quem será aquela mulher que tanto lhe seduz a imaginação? Só ele o sabe. Mas De Gerando ensina-nos a descobri-la quando escreve:

«Conheço o Deus pelas suas obras, nem mais nem menos do que pelas carícias de uma mulher reconhecerei a minha mãe».

JOSÉ GUERREIRO MURTA.



ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO

POR MARTINHO DA FONSECA

SONHO DO NATAL

VAI NASCER O SENHOR... E NO MEU LAR,
NUMA ATMOSFERA QUENTE DE CARINHOS,
(LÁ FORA A NEVE CAL, BRANCA, DE ARMINHOS...)
INCLINO A FRONTE, ABSORTO, A MEDITAR.

QUE FRIO NA BRANCURA DOS CAMINHOS!
EIS-ME EM FAMÍLIA, AO FOGO, A CONSOAR.
NOS MEUS OLHOS HÁ SOMBRAS A PASSAR...
E VÊM SENTAR-SE À MESA OS POBREZINHOS.

CHEGAM TAMBÉM, SORRINDO, A PASSO LENTO,
LÁ DO IGNOTO PAÍS DO ESQUECIMENTO,
NOSSOS MORTOS... ¡QUE INTÉRMINA JORNADA!

E NA SAGRADA NOITE CRISTIANÍSSIMA
LÁ POR FORA, VAGUEIA A LUA ALVÍSSIMA,
SÔBRE A ALVURA DA NEVE IMACULADA...

(Do livro *Nar das Tormentas*,
a sair em breve.)

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.

O NATAL PORTUGUÊS

(ESBÇO ETNOGRÁFICO)

— O Natal ao soalhar;
— A Páscoa ao luar.

Anexim português.

— Vinde ver a barca nova,
Que fizeram os pastores;
Nossa Senhora vai dentro,
Os Anjos são remadores.

Vila Real.

A tradição do Natal generalizou-se dos Evangelhos para os povos de Cristo-Deus. Em verdade nos diz pelos séculos além o evangelista San-João: — «E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, como glória do Filho unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade»⁽¹⁾.

E com simplicidade épica nos instrue San-Lucas:

«E subiu também José desde a Galileia, da cidade de Nazarét, à Judeia, à cidade de David, que se chamava Belém, porque era da casa e família de David, para se alistar com sua esposa Maria (em obediência ao édito de César Augusto, que ordena o alistamento geral do mundo romano), que estava grávida. Aconteceu, porém, que estando ali, se completaram os dias em que devia dar à luz. E deu à luz o seu Filho primogénito e o envolveu em paninhos e o reclinou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem»⁽²⁾.

A unidade mística dos textos formou a unidade da tradição do Natal nas sociedades cristãs. O povo mantém os velhos costumes das festas, que desde tempos primitivos comemoraram a data do nascimento do Messias, prometido pelos profetas de Israel: estes costumes ligam-se intimamente com a tradição evangélica; a liturgia católica deu forma ritual ao culto; e a comemoração do povo, assentando neste, que também por si conserva o espírito dos Evangelhos, divide-se em duas direcções. Ao lado dos actos puramente religiosos (a adoração do presépio, — a Missa do Galo), conserva práticas bem antigas, por certo, como aqueles actos culturais, e que os completam (autos do Natal, do presépio e dos pastores, — arimação familiar dos presépios, — cantos corais das Janeiras, dos Reis, das boas-festas, — música própria, de instrumentos tradicionais e pastoris — e as ágapes em família, essas consoadas de amor e de saudade).

Sempre, no íntimo de todo o breviário festivo do Natal, está o presépio, como centro convergente de toda a tradição. Belém, com a sua estreberia, a Belém tumultuária em que se transformou, por virtude do censo imperial de Roma, a pacata cidade provincial de David, onde a Virgem, mãe de Deus, assistida de San-José, de uma vaca mansa, e de uma mula gulosa, depôs na manjedoura do presépio⁽³⁾ o Menino Jesus... É o presépio, geral e eterno. Nêle está o maior encanto, que prende todos os espíritos, e o máximo mistério, que continua nos séculos o seu pregão e exemplo.

Uma nossa cantiga sagrada de folia do século XV baila com as mças bailadeiras do Natal Português, recordando o facto em comemoração:

Em Belém, vila do amor,
Da rosa nasceu a flor!
Virgem Sagrada!

Da rosa nasceu a flor,
Jesus, nosso Salvador!
Virgem Sagrada!

Porque o culto do Natal é essencialmente cristão e está generalizado ao mundo da cristandade, a sua festa propagou-se, coincidindo com o rito. O povo católico, em nações de índole aproxi-

mada, mais sociáveis, mais moleáveis, o que no próprio culto se mostra e vinca, tem a sua comemoração com um ritual mais humano, mais do coração. Nos actos puramente religiosos, falar de uns é falar de todos. Por exemplo, o presépio é comum à Itália, — de onde parece provir⁽⁴⁾, com as suas exposições de luxuosas vestimentas⁽⁵⁾, — à França, que tem na arte provençal a bela galeria dos santoun da crèche⁽⁶⁾, — à Bélgica dos jardins clos⁽⁷⁾, — à Espanha, assim na raça e nas origens artísticas da nossa gente. As tradições extraculturais, — como sejam as crenças particularizadas, festividades familiares, folgas populares, quanto dependa já do carácter diferenciante do povo, — apresentam variantes mais ou menos profundas, e até novidades estranhas, no entanto sempre submetidas ao predomínio central do Presépio e do seu Menino-Deus.

O Presépio vence, triunfa, entra em toda a parte, absorve todas as atenções. Desde o principio de Dezembro, que se não pensa em outra cousa. Todos querem arinar o seu altarzinho.

Nas catedrais, o presépio alcança grandezas extraordinárias de apoteoses coroplásticas. Os melhores escultores trabalharam para elles⁽⁸⁾. Assim foi o da Sé de Lisboa, onde brilharam os talentos de Machado de Castro. O mesmo se deu com outros templos fastuosos, como na basilica da Estrela, com o presépio de António Ferreira, no convento da Madre de Deus, etc., em Lisboa. As casas nobres armavam o presépio com o melhor aparato; sirva de exemplo o dos Marquesses de Belas. Templos menores tiveram também o seu, modesto mas acariciado como a jóia que se guarda cuidadosamente, e só se mostra nas festas maiores. Pelas casas de menos recursos andam ainda presépios humildes, uns conservados em oratórios, outros de figuras dispersas, que o Natal vem reunir; a estes se refere Eça de Queirós em *A Cidade e as Serras*: «um Presépio, onde os Reis Ma-

gos, pastores de surrões vistosos, cordeiros d'esguedelhado lã, se apressavam afragez d'alcanfís, para o menino, que na sua lapinha lhes abria os braços, coroado por uma enorme Coroa Real»⁽⁹⁾. São os presépios que, no dizer de Felipe Simões, «as mulheres devotas preparam e enfeitam para celebrar o natal do Salvador»⁽¹⁰⁾.

Na Ilha-da-Madeira o «presépio» é a lapinha; sobre alguns sócos de canas-vieiras ligadas, estende-se um papel molhado, que adere às rugosidades ásperas das raízes; ali está obtida a «rôchinha», onde se põem fios prateados, que formam os riachos pela montanha abaixo; a «lapinha» fica encostada a uma parede, coberta de festões de alegria-campo com flores douradas de enceão;



A ADORAÇÃO DO MENINO-DEUS

Por António Ferreira (?), séc. XVIII

(Da Coleção de Alberto Sousa)

(1) Marchetti, na *Explication des usages et costumes des Marseillais* (1683), atribue a San-Francisco de Assis o primeiro presépio; para corrigir os desmandos das representações e folgas do Natal dentro dos templos, ele teria armado a scena do Presépio em uma estreberia autêntica, onde as personagens figurantes eram bonecos de pinha. Séc. XIII.

(2) Separatas do *Studio: L'Art Rustique en Italie*.

(3) Ch. de Dalinowicz, *J. Art Rustique français: Art Provençal*, cap. XIV; Elzéard Rougier, *Petite Histoire des Santoun, Marseille* 1912.

(4) *Annales de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, vol. LXIV, 6.^a Série, tomo IV, p. 382, estudo de Gr. Van Doorslaer.

(5) José Queirós, *Cerâmica Portuguesa*, v. gr. p. 273 e 284 e ss.: mostra o desenvolvimento da escultura popular, em suas formas tradicionais, e na influência dos mestres coroplásticos: figuras de presépio, bonecos de enfeite e recreio, etc.

(6) Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, Porto 1901, p. 231.

(7) Felipe Simões, *Escreptos Diversos*, Coimbra 1899, p. 70.

(1) *O Santo Evangelho de Jesus-Cristo, segundo San-João*, Prologo, cap. I, 14 (tradução do Bispo de Coimbra, D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré).

(2) *O Santo Evangelho de Jesus-Cristo, segundo San-Lucas*, Parte I, cap. II, 47.

(3) «Presépio vale o mesmo que *Estribaria de animais domésticos*... R. Bluteau, *Vocabulário Português*, — s. v. «Presépio».



«SENTINELAS»—FOR
SARA VIEDRA MACHADO

no cimo da verdura, habitada por pastores de barro, surge o Menino-Jesus, triunfante (1).

Em San-Miguel dos Açores, fazem-se *presépios*, onde a habilitação de quem os arma patenteia as qualidades estéticas de um meio insular. As flores são feitas de conchas; algumas atingem dois centímetros; há cisnes também de conchas brancas e encrespadas, a indicarem as penas ásperas; borboletas formadas de duas conchas ligadas; lagos, onde passeiam os cisnes; campos em que pastores guardam cordeiros; anjos esvoaçam; e tudo sobressai de um fundo de cartão com montões de rochas nele pintadas; as figuras e os animais são de miolo de figueira (2).

Cá pelo continente, cada um emprega os bonecos que pode, para personagens do grande acto; tudo serve; verdura de toda a ordem vai decorar o *presépio*; em Castelo-de-Vide, essa decoração vegetal consiste em bons ramos de louros com laranjas flamejantes na verdura carregada.

Ai está o centro da festa, o motivo essencial de toda a comemoração. Para lá correm os olhares, quando a família sai para a *Missa do Galo*. Os campos, nas noites sem luar, semeiam-se de luzes; os caminhos desenham-se numa pontuação luminosa de reticências, que brilham na obscuridade; são as famílias, os grupos, montões de gente, a caminhar de lanterna em punho, no chão escabroso, para a igreja onde o padre espera a meia-noite. Na noite fria, o sino chama à oração. Há fogueiras pelas aldeias; a Natureza anima-se nas labaredas, clarões vivos de papoulas fantásticas. Começa a *Missa do Galo*, à hora do galo cantar, hora terrífica dos fantasmas, hora espectral da debandada, quando o canto do galo, arauto do sol longínquo, afugenta as almas penadas e os espectros tremendos.

Meia noite dada,
Meia noite em pino,
Lo Gallo cantava,
Chorava o Menino

Deitado no feno
E entre animais.

Ilha da Madeira (3).

Diz o Padre claramente o *Gloria in excelsis Deo*, e logo um atroar de campainhas, guisos, gaitas-de-foles, rompe da multidão, que se entusiasma, como se assistisse em glória ao nascimento do Menino. É caso para justificar a cantiga:

— Nossa Senhora da Dóvoa,
¿ Que fendes no Vosso sino?
— Um galo preto romano,
Acorda o Verbo Divino!

«Nossa Senhora da Dóvoa» — Penamacor (4).

«E o Verbo se fez Carne». Sai animada a multidão, depois de beijar nas mãos do padre o Menino recém-nascido. A comensina espera. Das cozinhas fumegantes, animadas como oficinas de indústria intensiva, correm aromas, que despertam apetite aos Santos. Reúne-se a família. ¿Pois não é o Nascimento do Menino a consagração da Família? ¿Acaso não está no *presépio* a apoteose do Amor familiar, a alma dos pais, o espírito do lar?

A *consoada*, que segue à *Missa do Galo*, conjuga a família num abraço de solidariedade. No Norte do país, todos os filhos ausentes vão a casa dos pais consoar com eles. Os criados correm de consenso dos patrões ao lar paterno, e é ver com que entusiasmo levam o seu cesto com um bacalhau, um cabaço de vinho, um arrátel de açúcar. No Sul, quem está, está; quem não está, estivesse. Na Madeira, depois da *Missa*, é tradicional a canja e o copo de vinho velho em família.

Está todo esse Portugal, neste dia, cheio de bolama preciosa e de petiscaria canónica. Em Santo-Tirso, não falte o bacalhau com batatas e olhos de couves; em Ponte-do-Lima, os *mexidos*, *rabanadas*, *sopas secas* de trigo com açúcar, canela, mel, batata, cozinhada ao forno em grandes alguidares; são os *pratos de ervas*, de Braga; os *formigos* ou *mexidos* de Penafiel, os *coscoréis*, *filhós*,

ses, *fátias douradas*, de Coimbra, da Covilhã, de toda a parte, desde Monção, com os *bólos de mel*, ao Algarve dos *bólos de noz*; *bólos de bolina*, *cúscus*, vinho quente com mel, as *broinhas* de Lisboa; um estendal de guloseimas, que andam aristocratizadas nos doces de ovos em fio de Vila Real, finos como cabeleiras loiras de mours encantadas, ondinas frescas, peroladas de brilhos foscos, — e picbeizadas na pata larga das orelhas de abade, *rabanadas*, *azovias*, etc.

Na lareira arde o fogo, que generosamente cozinhou a *Consoada*, e vai proteger a casa contra os males do raio. Nesta noite, coloca-se na lareira um *cepo*, que, sem se apagar, deve de arder até o dia de Ano-Novo, ou seja até o ano seguinte; o que restar, guarda-se, e tem a serventia de se pôr a arder em ocasião de *trovoada*, — é o *cepo do Natal*, protector da família (1). No adro das igrejas, também pelas províncias do Norte, se reúnem troncos de castanheiros, a que lançam fogo; andam à volta da madeira muitos homens embuçados nas capas de burel; remexem com paus o brasido, outros batem nos troncos; as faúlhas sobem, revoltam, e eles gritam: «ó madeiro, ó madeiro». Outros com «realejos» ou harmonium, cavaquinhos, ferrinhos, em grande barulheira, cantam pelas ruas:

Toque, toque, toque,
Vamos a S. Roque,
Ver o Deus-Menino,
Que nasceu esta noite.

(Castelo-de-Vile).

Das últimas representações scénicas do Natal, restam-nos os *autos populares* e os coros das *Janeiras* e dos *Reis*. Na Covilhã principiam a cantar-se as *Janeiras* na véspera do Natal. Em Viana-do-Castelo andam grupos de «boas-festas» a tocar pelas portas, e cantam-se pelas aldeias da região trovas tradicionais: nas vésperas de Natal, Ano Bom e de Reis. Em Castelo-de-Vide, os rapazes entram nas escadas das casas e cantam louvores: um deles, o «mestre», canta a uma voz, e o coro dos outros repete a quadra. Por todo Portugal se usam as *Janeiras*. O estribilho dos coros é por vezes pitoresco e de um rude sabor de pastores de *presépio*. E esta coreografia, género das antigas *befanate*, cantadas pelos bandos de rapazes italianos com violino ou harmonium, tem na Covilhã o estribilho (2):

Glória nas-celso,
Que já deu à luz;
Nasceu em Belém
O Menino-Jesus.

O mais típico ainda são os *autos*, e por personagens obrigatórias tem os pastores, as figuras do *presépio* ou «Família Sagrada», e os *Reis Magos*.

Na Ilha da Madeira faz-se a «visita às lapinhas»; entra a «companhia» de dois «cômicos», um deles *vilão* (aldeão), o outro *prefo*, com sua cabaça a tiracolo e um caco ou bandeja para pedir esmola. Chegam ao *presépio*, e dispõem-se a representar o diálogo, que levam engatilhado. Entre outras coisas, diz o *vilão*:

— Eu venho da Serra, de longe, cansado;
Por ver'l'o Menino deixei o meu gado.

E responde-lhe o *prefo*, imitando o tom de luso-africano:

— Também ió lá deixei tudo que lá tinha,
Só por vir agora ver esta lapinha.

Num coro, sublinha o acompanhamento a adoração do *presépio*:

Meu Menino Deus, do meu coração,
Amar-te sim, sim; deixar-te não, não (3).

Em Aveiro, formam-se cortejos, em que tomam parte os *Reis Magos*, pastores, zagalinhos, às vezes com grande aparato (4).

(1) *Serões*, 2.^a Série, III (1907), p. 423-429, artigo de João Crouveia, «O Natal na Ilha da Madeira».

(2) Luís Bernardo de Ataíde, *Etnografia Artística — San-Miguel, Açores*, (1918), p. 136 e ss.

(3) *Serões*, loc. cit., p. 423.

(4) D. Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances populares portugueses*, Coimbra 1913, p. 90.

(1) D. Carolina Michaëlis Vasconcellos, in-*Revista Lusitana*, I, 119, acerca do «Cepo do Natal».

(2) *Lusa*, I, 157 e ss.; 166 e ss.

(3) *Serões*, já cit. 2.^a Série, III, 427.

(4) *Lusa*, II, 45.

Nas *Lendas e Narrativas*, de Alexandre Herculano, *A Abóbada* começa pela descrição do «auto da adoração dos Reis», em grande pompa, na igreja do Convento da Batalha, diante de um presépio rico ⁽¹⁾, levantado pelos dominicanos junto do arco da capela do fundador, por quem esperavam e que se prometera.

Por aí fora, improvisam-se palcos com cenários de ramaria, ao longo das paredes a que os encostam; ao fundo, a «lapinha de Belém» está oculta na folhagem, e só aparece no momento em que os pastores, dito o papel, vão ao presépio levar os presentes ao Menino.

Em Santo Aleixo, de Monforte (Alentejo), os bonecos de madeira, fantoches articulados, bem conhecidos na provincia por *bonecos de Santo Aleixo*, representam num teatro próprio os autos mais variados, desde a criação do Mundo com a serpente a levar a maçã à nossa mãe Eva, até a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal. No seu período próprio, apresentam com geral aprezimento o *Auto do Natal* ou do *Presépio*.

No concelho de Chaves, em Vila-do-Conde, o *Auto do Natal* tem duas partes: uma, ao ar livre, o *ramo de fora*, sobre um estrado de madeira, figura animadamente vários episódios bíblicos, anteriores à Anunciação, entrecortados de sublime picaresco; a outra, dentro da igreja, o *ramo de dentro*, que vai desde a Anunciação até o Nascimento do Menino; então, do meio dos espectadores, que são toda a freguesia em êxtase, saem pastores e pastoras, que cantam e dançam ao som da gaita de foles, ferrinhos, castanholas e pandeiretas, à maneira antiga das festanças do Natal nas igrejas e nas praças ⁽²⁾.

Em cima de um tablado rúde, os *reiseiros da Maia* enscenam com as suas mais variadas e disformes personagens o Nascimento de Jesus com a Anunciação, a adoração dos Magos, a oferta dos Pastores, a vingança de Herodes, onde as falas em verso têm um aere sabor de velha tradição ⁽³⁾.

Pedro Fernandes Tomás incluiu nas *Velhas Canções e Romances Populares* fragmentos de *autos pastoris*, que se exibem por várias terras do litoral beirão, como na Figueira-da-Foz. Assim, à beira do presépio, cantam os pastores ⁽⁴⁾:

1.º pastor — Olá, rapazes pimpões,
Cantemos à desgarrada,
Para alegrar o Menino,
Mais a sua Mãe sagrada.

2.º pastor — Mais à sua Mãe sagrada,
Acabaste de cantar;
Lembraste bem, ó rapaz,
Atrás não hei-de ficar.

3.º pastor — Atrás não hei-de ficar,
Não de-certo a ninguém;
Faria triste figura,
Junto à lapa de Belém.

4.º pastor — Junto à lapa de Belém,
Grande alegria tivemos;
Vamos pr'ós nossos casais
Gabar-nos do que fizemos.

E, se frei Agostinho da Cruz, lá do alto da Arrábida, dizia aos pastores ⁽¹⁾:

Deixai, pastores, deixai o gado,
Tornai a este cordeiro, que ficou
Nas palhas de Belém desamparado,

êles, segundo uns cantares da Beira ao Menino-Deus, em «canto de pastores», responderiam cá de baixo ⁽²⁾:

Cheguei aqui a Belém,
E venho, muito cansado,
Oferecer este cabrito
Ao meu Menino Adorado.

No meio da festa familiar, entre as alegrias dos *autos* e dos ranchos das *Janeiras* e dos *Reis*, não esquecem os asares da vida. As raparigas da Madeira, depois da meia noite, deitam a «sorte do ovo» para saber do namorado e da vida que terá: se irá para o mar, — e a clara do ovo desenha na água o mastro de um navio, — ou casará, — e vê no líquido uma coroa de noiva.

A lavoura não esquece. São os provérbios agrícolas a dizê-lo. — «Natal em Sexta-feira, por onde puderes, semeia; em Domingo, vende os bois e compra trigo». O calendário rural apregoa as máximas do tempo. — «De Todos-os-Santos ao Natal é Inverno natural. — De Todos-os-Santos ao Natal, bom é chover e melhor nevar. — Do dia de Santa Catarina (25 de Novembro) ao Natal, mês igual. — O Natal ao soalhar, e a Páscoa ao luar. — Por Natal sol, e por Páscoa carvão.»

No dia de Natal fazem-se as previsões do tempo. São as *arremedas* a previsão, desde 13 de Dezembro até véspera de Natal; e as *desarremedas*, desde 25 aos Reis, que constituem a contraprova das primeiras; conforme nesse período correr o tempo, assim será o ano novo. Também se crê que não haverá vinho, se a noite de Natal não tiver luar; e será boa a colheita, se toda a noite houver lua — o *luar inteiro* ⁽³⁾. E, como a matança do porco é uma das festas mais animadas na casa, sendo costume fazê-la pelo Natal, diz a folhinha agrícola ⁽⁴⁾:

Entre mim, ti e Tomé, três dias é:
Vinte-e-um de Dezembro.
Neste dia prende o porco pelo pé.
Se ele disser: — que é? — que é?
Dize-lhe que tempo é.
Se ele disser: — que tal? — que tal?
Guarda-o para o Natal.

Aí está o Natal, que, — meu Deus! — como a «Nau Catrineta», tem muito, muito e muito que contar.

LUÍS CHAVES.

(1) Alex. Herculano, *Lendas e Narrativas*, I; a descrição do presépio ocupa o cap. III do conto «A Abóbada».

(2) Sousa Costa, «Auto do Natal», na *Terra Portuguesa*, II, 97-101.

(3) Severo Portela, «Reiseiros da Maia», na *Terra Portuguesa*, II, 164-166.

(4) P. Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, p. 68.

(1) Fr. Agostinho da Cruz, *Obras*, p. 188.

(2) P. Fernandes Tomás, *Velhas Canções*, p. 73.

(3) Leite de Vasconcelos, *Ensaios Etnográficos*, III, 258, *Revue des Traditions populaires portugaises*, IV, 651; Padre Cunha e Brito, «Etnografia Minhoto», na *Revista Lusitana*, XV, 107; D. Leite de Castro, *Folclore Vimeranense*, Espôsende 1908, p. 23-24.

(4) *Lusa*, I, 82, S. 83, «Investigações Etnográficas» de Félix A. Pereira.



NO PRÓXIMO NÚMERO: A MULHER DO MINHO, PELO DR. CLÁUDIO BASTO,
COM ILUSTRAÇÕES DE COUTO VIANA E SAAVEDRA MACHADO
E A SEHORA PRINCESA DO OURO, POR LUÍS CHAVES



Nosso POETA.



GOMES LEAL foi um dos maiores dentre os maiores poetas do seu tempo. No entanto, ¿ que consagrações já recebeu? Tanto na vida, como na morte, a lei fatal dos génios tem-no perseguido. As suas próprias cinzas, completamente esquecidas, e até quasi ignoradas de todos, num dos cemitérios de Lisboa, estiveram há dias na iminência de serem arremessadas à vala comum.



GOMES LEAL

(Portrait-charge de Celso Herminio)

Não houvera na intendência dos ditos cemitérios um vereador conseqüente, e o ultraje ter-se-ia cometido.

Ao ilustre edil e também distinto poeta sr. Dr. Alfredo Guisado, o nosso aplauso, pois, pelo seu nobre gesto, com o nosso mais vibrante incitamento para que de facto às cinzas do querido morto sejam prestadas as consagrações de há tanto devidas.

RESPIGA

NOS campos de Booz, coração nobre,
Andam Ruth e Noemi entretidas
A levantar espigas esquecidas.
(Ai! coitado, meu Deus, de quem é pobre!)

Assim eu, na tristeza que me cobre
De tantas ilusões desiludidas,
Vou rebuscar pelas alheias vidas
Algum grão de ventura que lhes sobre...

E colho algum às vezes... Se algum dia
Assomar aos meus lábios a alegria,
Ninguém se iluda, iluda-me só eu...

Não cuidem que êsse riso me consola,
São risos que eu pedi, risos de esmola,
E' o riso dos outros, não é meu...

ANTÓNIO MORENO.

«RECORDAR... REVIVER»

LUÍS CALADO NUNES

DE muito novos fomos amigos como irmãos... mais que irmãos, posso garantir: comunhão confiante de sentimentos, de ideais, de aspirações... tudo desvanecido, torturado, perdido, no decorrer da vida áspera!...

Começamos a versejar na Escola Académica e colaboramos, desde então sempre unidos, nos jornaizinhos, que lá criámos.

Saídosos tempos!...

Nenhum de nós fazia versos que não fôsse logo consultar o outro, e surgiam discussões, compila a ver qual dos dois lembrava mais rimas, maior riqueza de vocabulário, etc., etc.

Meteu-se-nos na cabeça traduzir o *Cid*, de Corneille, e vá de perdermos noites e noites... nas quais não sei que mais admirável fôsse, se a nossa paciência, se a exuberância das fantasias loucas que sonhávamos!...

Tudo que me ocorreu a respeito de Luís Calado Nunes corre impresso num folheto *Carta para o outro mundo*, em que procurei fazer justiça aos peregrinos dotes de talento e de bondade do meu saúdoso Amigo, que aliava a muita ciência da língua, a óptimas qualidades de professor, ao vernaculismo elegante do estilo, uma graça espontânea, uma grande sedução como conversador, e como humorista emérito!...

Escapou-me uma nota curiosa: um belo dia apareceu-me Luís Calado Nunes com a poesia «Malmequer», e, no seu modo mais sério, pede-me opinião. Li. Não percebi. Sem papas na língua opino indignado: — isto é uma borracheira.

Estávamos no tempo do nefelibatismo triunfante!

Luís, grave e sisudo, protestou mais indignado ainda: — és um casmurro, incapaz de acompanhares a nova corrente belíssima da poesia, etc., etc.

— Pois sim, liquidai, fica-te lá com as tuas opiniões, que eu fico com as minhas.

A poesia era esta:

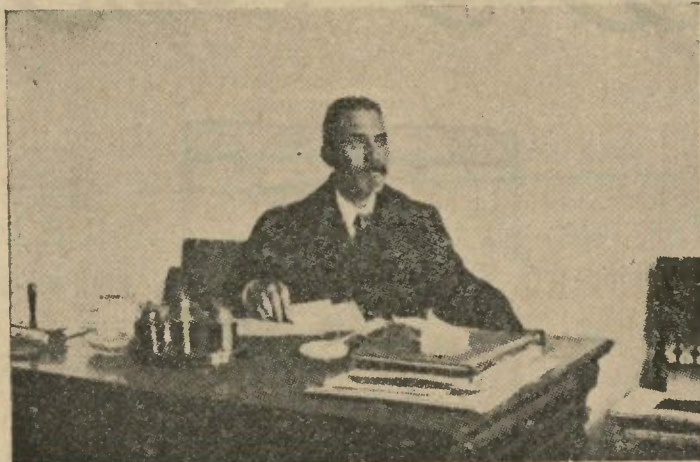
MALMEQUER

Mal me quer... bem me quer...
A asa duma ave perpassou de leve,
O lago despertou do sonho breve...
Mal me quer... bem me quer...
Tem um donaire que não vejo aos mais,
Toca arrabil, escreve madrigais...
Mal me quer... bem me quer...
E neste lindo cofre que riquezas!
Esmeraldas, safiras e turquesas...
Mal me quer... bem me quer...
Noites de S. João! Água da fonte...
A pupila dourada no horizonte...
Mal me quer... bem me quer...
Hei-de ver a minha alma retratada?
E dum berço surgir a madrugada?
Mal me quer... bem me quer...
Sóror Mariana espera e desespera,
«Je meurs on je m'efflache» é como a hera...
Mal me quer... bem me quer...
Rogou pela água a asa duma ave,
Quebrou seu sonho o lago sonhador...
Mal me quer... bem me quer...
As monjas vão passando a passo grave
Ao longo do comprido corredor...
Miserere... Miserere...

Como fazia a todos os versos, que o meu chorado Luís me deixava, coleí o «Malmequer» no meu álbum de coisas íntimas.

Decorreram largos anos. Em conversa sobre tempos idos, uma vez que falávamos de nefelibatismo, fui-lhe dizendo: — sim, mas tu também cultivaste o género!

— Eu?! recalçitrou, ofendido, o Luís.



LUÍS CALADO NUNES
na reitoria do Liceu João de Deus

— Sim. Tu. Rapo do album, abro-o na página documentária, mostro o «Malmequer»!

E logo, o Luís: — Deixa ver, isso não está completo, e acrescentou:

Se o leitor estes versos entendeu, lida é mais nefelibata do que eu.

As recordações são como as cerejas, umas trazem outras.

Frequentávamos muito a Biblioteca Nacional, sobretudo à noite. Nesse tempo ornamentavam as paredes do edifício vários marmarrachos, até nas escadas se ostentavam! Na da esquerda, subido o primeiro lance, também à esquerda, havia um. Todos eles representavam frades e tinham dizeres explicativos na própria tela, em baixo. Este, entre várias lérias, chamava ao homem: «frade de inocentíssimos costumes». Tanto vez passamos pelo inocentíssimo, que uma bela noite comentei: — indecentíssimos é que lá devia estar.

Saimos. De repente digo ao Luís: — és tu fazer uma boa partida? — Dize lá. — Muito simples: raspas a palavra inocentíssimos e pões indecentíssimos. — Olha que lembrança!... És se nos apanham?! — Por isso fico eu. A porta de cima faz barulho quando se abre. É um alarme. Em baixo ponho-me à cóca... não há receio.

Resolvido.

Na noite seguinte o complacente Luís, de raspadeira em punho, deu começo ao trabalhinho. Ficou a coisa tão bem feita que ninguém deu pela metamorfose da palavra!...

Quantos mais dias passavam mais arreliado eu andava! Não me contive e propalei o caso insólito entre a estudantada.

Começa a romaria para a Biblioteca, chovem os comentários apimentados.

Constou-nos que *O Dia* pregou uma tarefa mestra nos audaciosos atrevidos, malcriados, iconoclastas, etc., etc., etc.

Poucos dias após foi reposto o *inocentíssimos*.

Partida de rapazes e prova da perícia, da facilidade rápida, com que o bom Luís fazia tudo que queria fazer!...

No «Museu Rafael Bordalo Pinheiro» existem muitas cópias, executadas por Luís Calado Nunes, tão perfeitas que são absolutamente confundíveis com os originais!

Foi talvez essa extrema perfeição de copista originária do pérfido boato de que no «Museu» se trocavam os originais por cópias!... Realmente, são por tal forma admiráveis que mestre Columbano, examinando a que representa o glorioso actor Brazão no *Fura Vidas*, sentenciou: — isto não é uma cópia, é uma verdadeira falsificação!

A pesar do boato traduzir bem com quanta amorável perícia Luís Calado Nunes trabalhava para o «Museu», causou-me sério desgosto!

Hoje limito-me a deplorar que houvesse almas tão vis que tais aleivosias inventassem!...

Glória ao meu chorado Luís, desprezo e nojoso tédio para os abjectos coloniadores.

Mais uma recordação inédita para finalizar:

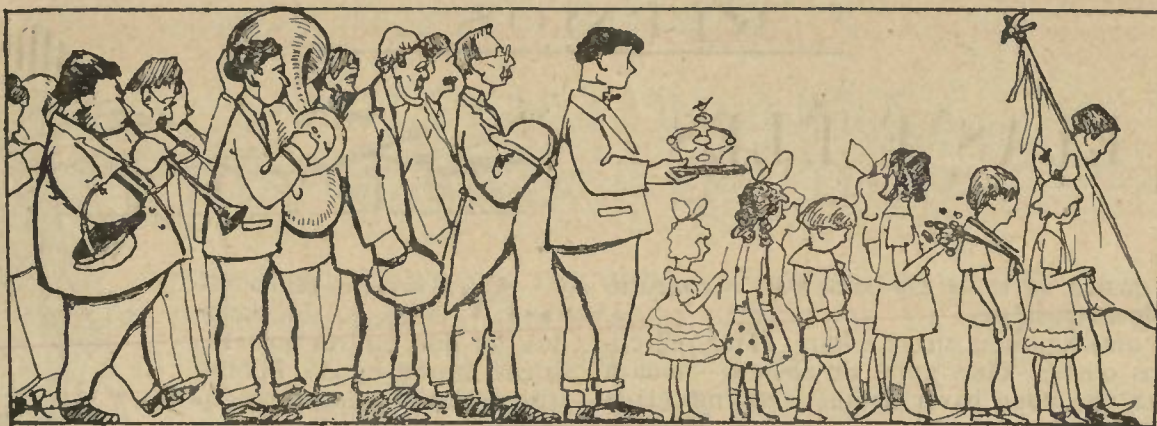
Fui sempre um inútil cheio de ocupações!...

Um dia o gracioso Luís definiu-me assim: — um homem que não tem nada que fazer e a quem nunca chega o tempo para coisa alguma.

Deu no vinte!...

(Do livro em preparação
«Recordar... reviver».)

CRUZ MAGALHÃES.



UMA COROAÇÃO NA MINHA ALDEIA

ESTALAM os foguetes, de minuto a minuto, numa alegria festiva, e é ver o rapazio disputá-los a sôco e aos encontrões, quando, cumprida a sua missão, caem no solo, ennegrecidos pela pólvora, a fumar ainda...

Ouve-se a banda, a caminho da regeneração desde que o sr. Josézinho da Loja tomara a peito a sua regência. Já sabe mais dois ordinários — e vamos lá que a sua execução faz esquecer-nos por momentos que são ordinários...

Raparigas às dezenas, gaiatas a valer, com berrantes vestidos domingueiros, assomam por toda a parte a rir, com risos francos que não conhecem a peia da «civilidade e etiqueta», e os seus lábios da cor das papoilas são tão ignaros que desconhecem o carmin, que é talvez um capitulo do *bcm-tom*.

Todos os rostos sorriem, tudo é alegre. Até as ruas alcatifadas de verdura e flores, com o suave aroma de alecrim, parecem sorrir também...

E' a coroação que passa.

— «O' compadre, está *bim bonita*» — diz um campónio a outro.

— «Vem muilo *chic*» — exclama um caixeiro duma loja de fazendas da vila próxima, todo aperaltado, cheirando a Água Flórida, que tem a fama de *bem falante* e a mania de empregar o *chic* em qualquer coisa.

E lá foram os comentários até aos velhos, que dizem, como quasi todos os anos: — «Tenho visto coroações bonitas, mas como esta até não *m'alembra*».

Uma bandeira de Espírito Santo de damasco de sêda rubra, com uma graciosa pomba branca d'arminho, abre o cortejo conduzida pelo afilhado do *imperador*, um rapazola de dez anos que, coitado, mártir da estreia dumas botas que um tio lhe trouxera da América, se sustém com um sacrifício heróico, buscando, a custo, sorrisos para cumprimentar a vizinhança...

Seguem-no duas alas de crianças de caracóis rebeldes sustidos à força de *papelotes*.

E às vezes pelas janelas alguém diz: — «Olha a nossa Maria, como ela vai tão soberba! Eh! pequena, adeus!...»

Fecha as alas a *imperatriz*, uma pequenita loira como os trigaís, agora verdejantes, entre a espuma côr de rosa dum vestido caro de *organdi*...

Logo atrás o *imperador*, um *americano* que trouxe *pe-sos* da América, caminha com ar solene de imperador às direitas... Conduz a coroa numa taça de prata e o braço e pernas são figuras geométricas, formando as pernas ângulos agudos e o braço um ângulo recto.

Agora curvam-se rapazes respeitavelmente. E' o sr. professor que vem na ala dos convidados, ao centro, no lugar d'honra, engomado na sua *pose* dos momentos solenes, de lunetas *pedagógicas* assentadas no nariz como canga em *cachaço* de boi...

E não sei porquê, êle, com o seu fraque esverdeado, *scintilante*, o seu nariz adunco, lembra um papagaio do brasileiro que vem ao seu lado, um homem de face rude

e tostada, com uma grossa corrente de ouro, mais de meio século de idade e umas dezenas de alqueires de terra.

Os outros convidados são: o compadre do *imperador*, o regedor e alguns lavradores abastados.

Agora uma galinha com pintos zig-zagucia assustada, entre eles, vindo desmanchar a gravidade dos seus passos.

Depois, há um silêncio de instantes, um silêncio em que se adivinha qualquer coisa de sensação, que vai suceder. E' a banda que estreia a aguardada valsa «Suspiros» do sr. Josézinho da Loja, que, nos seus tempos de seminarista — pois uma tia queria fazê-lo padre à força — sabia talvez mais música do que muitos «anjos da corte do Céu»...

Os partidários, logo atrás, desde as clássicas pancadas do bombo, escutam religiosamente, «com a alma ajoelhada», como diria um poeta.

Chega o momento arrebatador, o do melhor trabalho da autoria e execução do sr. Josézinho, o solo de cornetim.

Afogado, de lenço ao pescoço, os olhos a flutuar numas pálpebras papudas parecem querer agarrar-se à música da valsa «Suspiros», que tem nas costas uma oleografia barata e pudibunda... Arranca fírias desconhecidas ao cornetim com um esforço *edêo* e pelas faces infladas correm bagas de suor que vão caindo pelo arredondado do queixo — um conta-gotas de precisão...

A igreja! Ei-la toda branquinha, com os sinos baloiçantes de alegria, que repicam sem cessar, tangidos com vigor pelo sacristão, que vê em sonhos as *patacas* que o *americano* lhe dará de recompensa. Na torre queima-se uma girândola. Os foguetes cabriolam nos ares, vindo cair, vencidos, entre a gritaria guerreira da «gente de palmo e meio».

Entra a coroação na igreja. O melódio geme, graças a um amador, e dirigem-se todos à capela-mór, aguardando a chegada do cura. Range uma porta lateral e por ela sai êste, aparentemente não sentir a carestia da vida, faces rechonchudas e rosadas, rosto prazenteiro de moçoila sãdia.

Depois das cerimónias do coslume, lá segue a coroação a caminho de casa. Outra girândola estruge no espaço... A *imperatriz* vai agora beijando o scetro, sem descanso, como que afagando a «Pombinha», receosa de que ela fuja das suas mãos...

Os músicos, fatigadíssimos, congestionados de tanto soprar, têm os últimos olhares para as raparigas, como o Sol que, já no ocaso, agora se despede...

De volta a casa, o *imperador refresco* os convidados e a banda, sendo o sr. Josézinho muito elogiado pela sua valsa «Suspiros».

Pouco depois o *imperador* insiste: — «mais um suspiro, senhor Josézinho». E o sr. Josézinho, a alma daquela festa, de copo numa das mãos e suspiro na outra, derrete-se em agradecimentos e olha orgulhoso para os galões doirados da sua farda de regente da banda...

Ribeira Sêca (Ilha de San-Miguel), Maio de 1922.

(Ils. de Domingos Rebelo).

M. DA SILVA CARREIRO.

RITMOS...

ELAS E ÊLES

ÀS quatro da tarde Ela passa para o concêrto do Peninsular.

E' uma figurinha suave e loira. Traz reflectida nos olhos — duas gotas de absinto — toda a tristeza que pode haver na sua triste mocidade em flor...

E a gente fica a recordar o lindo verso de François Coppée:

«Quelque chose comme une odeur qui serait blonde...»

*

NUNCA o tinha olhado. Conhecia-o apenas de vista. Prendi os meus olhos àquela estampa recortada dum catálogo de alfaiate afamado.

Olhei, olhei...

Uma silhueta frágil, ridícula, um boneco-homem cujo snobismo — como a mão que se mete por debaixo das fraldas da *marionette* — empresta vida, uma pobre vida, à cabeça e aos braços...

*

...E eu via no seu olhar uma perturbação, enquanto a voz lhe tremia, balbuciando palavras escandalosamente inçadas de maiúsculas...

*

UMA esguia mulher que passa, leve, lânguida, silhueta pela luz morrente do crepúsculo.

— ¿A quem irás levar a graça da tua presença, a luz do teu sorriso, a música do teu beijo?...

*

«EU vejo a lua e a lua vê-me e a Alguém que eu queria ver.»

Assim falava o meu amigo, depois dum bom «jantar de rapazes», enquanto eu, caridosamente, o ia acompanhando a casa...

.....

A CADEIRINHA

FOI há trinta anos certos, numa velha alameda, Numa paisagem doce de teque de seda,

A senhora marquesa, que o amor perturbava, Sobe a cortina roxa — e a cadeirinha pára...

Canta um rouxinol. Ouve-se um rumor (A marquesa vai ter seu instante de amor).

Nisto surge um fidalgo de entre o arvoredo. Como uma sombra esquiva aproxima-se a medo

Da leve cadeirinha. E, numa gentileza, Corteja, de joelhos, a frágil marquesa.

Beija-lhe a mão, tremendo. Ela sorri. Depois Afastam-se, sôzinhos, enlaçados os dois.



MAS aqueles seios exaltados, quási réclamados por dois ou três poetas... líricos, fizeram-me dó. Pobres, tristes seios pesados, vergados ao pêso tremendo da responsabilidade duma realza impingida por meia-dúzia de sonetos... errados.

E quási tive lágrimas para aquelas lágrimas de carne que tombavam, desciam fatigadamente pelo corpo fatigado...

*

NA penumbra da salinha o teu rosto da marfim pálido — tão pálido! — destacava estranha e perturbantemente na moldura do cabelo negro — tão negro!

As tuas mãos esguias vieram poisar nos meus ombros, como duas avesitas cansadas, vindas de longe...

E nos teus olhos boiava toda a amargura dolente da Distância...

— Minha pobre avesita errante!

E foi um grande beijo...

*

FOI para ambos uma tortura aquele pretencioso «chá das cinco».

Meses galgados já que a vida os trazia separados, longe um do outro, que as suas bôcas desconheciam o sabor do beijo bebido com sede. E agora ali estavam juntos, separados, num daqueles encontros em que a gente reveste um aspecto de bala: envólucro frio guardando, contendo uma explosão...

Figueira da-Fox — Ano de mil novecentos e tal.

JOSÉ BRANDÃO.

Entreolham-se os pagens. A cadeirinha espera. O amor floresce! Que tinda primavera!

Ouve-se um rumor. Passados nus instantes Ei-los que voltam, rindo, alegres, ofegantes:

A senhora marquesa um pouco mais corada E, aqui entre nós, um pouco perturbada.

O fidalgo despede-se, afastando-se a medo. Como uma sombra vaga por entre o arvoredo,

E a senhora marquesa — um impudor de raça — Desce a cortina roxa — e a cadeirinha passa.

LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES.

SCIÊNCIA & FILOSOFIA

A POLÍTICA MODERNA
AS "MINORIAS" E AS "ÉLITES"

ALGUMAS OPINIÕES DO EMINENTE PSICÓLOGO FRANCÊS SR. GUSTAVO LE BON,
DE GRANDE UTILIDADE PARA A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL DA MAIORIA PORTU-
GUESA, ONDE TANTO SE CONFUNDEM HOJE AS MISSÕES
: : : : : DO INTELLECTUAL E DO POLÍTICO : : : : :

E porventura possível, pergunta o sr. Le Bon, formular leis gerais atribuindo caracteres comuns aos diversos regímenes políticos que os povos têm conhecido?

Esses caracteres gerais, crê, podem ser resumidos nas fórmulas seguintes:

1.^a—*Seja qual for o regímen político dum povo: teocrático, monárquico, democrático ou socialista, o poder é sempre exercido por uma pequena minoria;*

2.^a—*A minoria que governa um povo não é, ordinariamente, recoltada na sua «élite» intelectual;*

3.^a—*A «élite» intelectual duma nação determina a sua grandeza, mas ela actua sempre mais sobre a evolução futura dessa nação do que sobre o seu estado presente.*

A primeira destas proposições, acrescenta, isto é, a relativa ao governo dos povos por minorias, torna-se evidente depois dalguns minutos de reflexão; é, todavia, necessário reflectir um pouco mais e consultar a história, para reconhecer o fraco papel das *élites* intellectuais no governo das nações, se bem que a sua influência seja preponderante na evolução das civilizações.

E justifica:

«Se as *élites*, ainda que transformando a vida dos povos, os não governam, é porque, estando muito afastadas das multidões pelo pensamento e não falando senão em aparência a mesma linguagem, não saberiam fazer-se compreender. O vocabulário dos laboratórios onde se criam as descobertas, o dos *ateliers* donde surgem as maravilhas da arte, o dos gabinetes de trabalho onde se cinzelam os pensamentos chamados às vezes a orientar uma época, todas estas línguas diversas, mas sempre superiores, não saberiam encontrar eco na alma das multidões.

Não é, pois, aos espíritos falando inacessíveis linguagens que dirigem os seus votos.

Para desejar não seria, além disso, que os povos fossem conduzidos pelas suas *élites* intellectuais. O areópago de sábios sonhado por Augusto Comte governaria péssimamente. O medo das responsabilidades, a indecisão, a ausência de iniciativa, seriam os característicos duma tal assembleia. O homem muito intellectualizado, penetrando as infinitas possibilidades que o mais pequeno facto comporta, não saberia agir rapidamente. A sua decisão é lenta, ao passo que o desenrolamento rápido dos acontecimentos quotidiana-

nos as necessita imediatas. Mas se seria, é facto, perigoso para um povo ser politicamente governado pela sua *élite*, embora composta de homens como Descartes, Corneille e Pascal, mais funesto seria ainda, para esse povo, ser submetido a assembleias de iletrados ou de semi-intelectuais ambiciosos e descontentes.

O mundo, antigo e o mundo moderno têm conhecido tais assembleias. Elas mostraram-se sempre tão incapazes de compreender os acontecimentos como de os dirigir.

A última experiência feita na Rússia é categórica neste ponto. Basta mesmo ouvir as prodigiosas propostas aplaudidas em certos Congressos aí realizados, para se ver a que aberrações um julgamento inferior pode conduzir espíritos que uma cultura insuficiente torna estranhos às realidades.»

«Ai das democracias, se não fôsem ainda governadas por homens de inteligência e de bom senso médios. Eles seriam assás suficientes, se o receio dos eleitores não os conduzisse às vezes a votarem leis restritivas que, violando todas as necessidades económicas, podem somente agravar os males que elas pretendiam curar.

E' preciso evitar-se, no entanto, submeter a uma crítica demasiado acesa as assembleias representativas saídas da evolução democrática moderna. Graças à autoridade mística atribuída ao número, essas assembleias conservam os derradeiros vestígios de autoridade ainda respeitados. Desde que elas tenham desaparecido, a anarquia e o baixo despolismo engrandecerão fatalmente.

Assim foi sempre em todos os periodos da história. Jámais qualquer povo se conseguiu manter sem uma autoridade aceiteada. Os Gregos do mundo antigo tentaram a experiência. Mas não querendo continuar a admitir a disciplina foram obrigados a sofrer a escravidão.

E' porque, com effeito, o principio de autoridade, seja elle representado por um chefe, uma casta ou simplesmente um código, constitue o único meio descoberto para refrear no homem os primitivos instintos que tornariam toda a civilização impossível. A anarquia, com as suas pilhagens, os seus morticínios e todas as suas violências, é simplesmente a libertação dos que refreiam os instintos ancestrais.

A acção do fascismo será transitória:

«Pelos recentes exemplos da Itália se pôde ver quais os perigos que ameaçam um país em que os últimos vestígios de autoridade ainda aceitados pelos democratas têm desaparecido. Ante um Parlamento impotente e uma autoridade real mais impotente ainda, devastações e massacres crescem numa vertigem.

A ruína do país teria sido certa, se um grupo de homens valentes, conduzidos por um chefe enérgico, não tivesse conseguido expulsar todos os elementos de desordem contra os quais o Parlamento e o governo ficavam sem força.

Mas, se expedientes como o fascismo se mostram eficazes, a sua acção é, contudo, transitória. A força pode restabelecer a disciplina, mas esta disciplina não persiste senão depois de se ter fixado nas almas. O que não é obra de um dia.»

O valor das forças económicas como principal orientador da política moderna:

«As forças políticas diversas, destrutivas ou criadoras, que têm até aqui governado o mundo, derivavam sobretudo das paixões e dos interesses que dominam os homens, ou simplesmente, por vezes, das fantasias de soberanos cuja ambição ultrapassava a inteligência.

A idade moderna viu nascer potências novas ignoradas do passado e que orientam cada vez mais as vontades dos homens.

Hoje, a vida política do mundo está submetida a directrizes novas saídas das forças motrizes que a ciência fez surgir da inerte hulha, considerada, até ao tempo de Napoleão, como uma insignificante matéria. É dela, contudo, que têm saído não só todos os elementos da civilização moderna, mas também os meios de destruição cuja potência engrandeceu de maneira tal que nos próximos conflitos as mais brilhantes capitais do mundo estão expostas a um total aniquilamento.

Os povos possuidores de grandes quantidades de hulha — ou do seu equivalente, o petróleo — têm, por este simples facto, uma superioridade económica e política enorme sobre os que a natureza favoreceu menos.

Foi devido à hulha que a Inglaterra pôde dominar os mares e, por consequência, o comércio do mundo. Não foram nada os seus sucessos militares de 1870, como se diz às vezes, mas sim a descoberta de minas novas no seu território, o que conduziu a Alemanha ao seu alto grau de prosperidade. Graças à hulha, esta prosperidade tornou-se tal que o império alemão pôde alimentar o sonho de disputar à Inglaterra a sua hegemonia comercial em todos os pontos do globo. Desta pretensão devia sair fatalmente a guerra mundial. As outras causas invocadas para explicar as suas origens são muito accesorias.»

«São numerosos os exemplos provando que o papel das forças motrizes aumenta cada dia na vida política dos povos. A sua influência não se faz sentir somente na Europa, mas até aos confins do universo. Se hoje, o Japão, necessitando de carvão e, não estando absolutamente seguro de que a América lho fornecerá sempre, negocia importantes tratados

com a Rússia soviética, é na esperança de poder explorar a seu proveito as minas da Sibéria.»

A arte de governar é cada vez mais difícil:

«A política moderna deriva, como vemos, da posse dos geradores de forças motrizes novas. Desnecessário se torna concluir, porém, que o homem de Estado deve enfrentar essas fatalidades económicas, sem poder subtrair-se-lhes.

A arte de governar consiste, hoje, em dissociar as fatalidades que regem o mundo ou pelo menos em utilizá-las. Ele imita então o engenheiro que transforma em electricidade benéfica a força de torrentes, outrora consideradas como flagelos devastadores.

Semelhante tarefa encontra-se por vezes complicada, razão por que o papel dos governantes se torna bastante difícil. Erros de raciocínio pouco perigosos outrora são hoje desastrosos. Sabe-se que a Inglaterra perdeu a sua hegemonia no Oriente e a probabilidade de possuir Constantinopla, por um erro do seu primeiro ministro na Turquia.»

O Parlamento e os Governos. A evolução na política é análoga à operada durante a guerra na conduta dos exércitos:

«Estando a solução dos grandes problemas modernos muito acima das capacidades colectivas, devia fatalmente suceder que em todos os países importantes, como a Inglaterra, a França e a Itália, especialmente, os primeiros ministros exerçam, sem que qualquer diplôma tivesse decidido esta evolução, um poder absoluto igual ao dos antigos reis.

Em teoria, o poder pertence sempre aos Parla-mentos, visto que eles têm o direito de deitar a baixo os ministros. Na prática, o primeiro ministro é o verdadeiro soberano; os outros ministros, seus colegas de ontem, subordinados sem prestígio, raramente consultados.

Esta evolução das instituições democráticas é bem uma necessidade política, pois se observa em toda a parte. Ninguém se preocupa, hoje, com a opinião dos reis e dos chefes de Estado; só os primeiros ministros são escutados. Quando eles falam, o mundo inteiro aguça a atenção e todos os jornais reproduzem as suas mais insignificantes palavras.

Esta evolução na política é análoga à operada durante a guerra na conduta dos exércitos. Dirigidos a principio por conselhos de guerra, conferências inter-aliadas, dominadas pelas incertezas características dos poderes colectivos, eles não conseguiram senão insucessos. A vitória apareceu somente no dia em que um pensamento único veio substituir as incertezas colectivas.

«Sem dúvida, o mundo entrou numa fase em que as forças colectivas têm um grande papel; mas em política, como em todos os domínios, as forças colectivas continuam cegas e desordenadas desde que não sejam orientadas por um pensamento firme, capaz de iniciativa e de decisão.

Estas verdades resultam de dados psicológicos inerentes à natureza humana, e que, por consequência, não poderiam mudar. Quando, após longos anos de reflexões e de experiências, os socialistas tiverem acabado por compreendê-las, não haverá mais socialismo.»



ARTE



O PINTOR MANUEL JARDIM

TEMOS privado com algumas criaturas de trato adorável que vemos com tristeza desaparecer da vida, mas que nos ficam, todavia, a viver no coração. Saudosamente incluímos nesse número a figura delicada e nobre do Pintor Manuel Jardim. Conheciamo-lo há muitos anos, desde 1902, dos tempos saudosos e distantes da nossa velha camaradagem na Escola de Belas-Artes de Lisboa, de onde ele, apenas com dois anos de curso, fôra deabalada até Paris, depois de ter atingido bem honrosas classificações.

Ao escrever estas linhas parece-nos estar vendo ainda o seu perfil serêno de pensador precoce, um curioso perfil de magreza rara; o seu olhar cheio de inteligência, sempre atento e perscrutador; a sua boca de lábio inferior descaído e desdenhoso; e os seus gestos pausados e largos, ritmados e mecânicos... Então, como ainda recentemente, pouco antes da morte o ter levado, era infinito o seu amor à Arte, à qual entregava a maioria dos seus entusiasmos e dos seus pensamentos, desejoso de viver só para ela, como um amoroso fiel para a espôsa, ou amante adorada. Já nesse tempo da Escola de Lisboa começavam a esboçar-se os seus anseios de independência artística, revelados apenas em palestras adoráveis ao longo das ruas, ou abancado às mesas dos cafés. Manuel Jardim foi sempre, na verdade, um temperamento cheio de requintado personalismo, alheio a tudo quanto fôsse uma imposição ou um dogma. Ele prezava a sua independência artística acima de tudo, quasi tanto como os amigos raros



BUSTO DE MANUEL JARDIM

POR FRANCISCO FRANCO

(Exposição dos «5 Independentes»)

dos quais sabia fazer criteriosa selecção. Foi sempre um alheado e um forte, sabendo conservar-se superior às fórmulas estabelecidas, e às pequenas intrigas de alguns oficiais do mesmo officio. Obedecia unicamente à directriz da sua consciencia arejada e clara.

Diante da Natureza era um revolucionário enternecido que prezava o ruído e o movimento, adorava a luz, e sentia a alegria de viver. Escrevia-nos numa carta datada de 12 de Agosto de 1904: «Estou a escrever-te devem ser 6 da tarde. Passa agora na estrada um carro. Vai com uma certa poesia, uma certa beleza: os cavalos fazem soar uma coleira de guisos, o cocheiro berra, um chicote estala, e uma nuvem de pó levanta-se atrás do carro.» Mais longe diz: «Estou numa quinta em Monte Real. Não é feia, porém é muito triste, e eu já não es-

tou afeito ao sofrimento. ¿Tens trabalhado muito? Esta solidão aterra-me. Esta casa já velha, com ares dum antigo solar, sufoca-me, não me deixa respirar.»

Admirava a beleza moga e vitoriosa das mulheres. Acêrca duma colega de 16 anos, cuja formosura durante algum tempo o impressionara, escrevia: «Aquilo é tudo belo; repara naquelas linhas puras e clássicas. Parece que a grande artista, a sobre-humana Natureza, se esmerou naquela obra.»

Comoviam-no sinceramente as dores alheias. Quando as conhecia, quando pressentia o sofrimento das pessoas da sua amizade, enternecia-se, comovia-se, ficava retraído e silencioso. Sentia-se no seu coração a mesma dor, e no seu espirito, às vezes, a revolta, em nome dos que sofriam e que estimava.

Depois de alguns anos da sua estada em Paris, onde, de comêço, educara a mão com Jean Paul Laurens; bem reforçado o seu talento na contemplação dos mestres antigos e modernos; já muito lido e viajado, Manuel Jardim resolve-se a expor no *Salon* de 1911 o seu quadro "*Au dessert*", que de chofre lhe conquista as atenções da crítica.

Tendo-se dado quási que silenciosamente, até então, ao estudo do Impressionismo, sendo-lhe por isso familiares os trabalhos de Cláude Monet, Camille Pissarro, Alfredo Sisley, Renoir, Cezanne, e em especial os de Manet, de quem era sincero admirador, — o seu quadro "*Au dessert*", embora inspirado um pouco na maneira do último dos mestres que citámos, põe logo também em relêvo muitas das formosíssimas qualidades individuais do pintor português. Daí por diante continua estudando, procurando sem cessar e, como todos os grandes temperamentos, insatisfeito sempre.

Interessam-no as descobertas de Chevreul sôbre o contraste simultâneo das côres; a famosa lei das complementares; tudo, enfim, que se prende com problemas técnicos. A luz, da qual sempre foi adorador, começou então a ter nos seus trabalhos honras de deusa. São numerosos os quadrinhos, *pochades* e retratos pintados por Manuel Jardim que comprovam o seu poder excepcional de visão e percepção, e que são bem uma sinfonia luminosa. No auto-retrato que publicamos, devido à gentileza do Prof. Henrique de Vilhena, e, sobretudo, no quadro que intitulou "*Femme à l'éventail*", o qual detidamente observámos, isto ressalta de modo evidente. O último, quási todo realizado à espátula, por meio duma técnica audaciosa e larga, pode talvez considerar-se a obra prima do pintor, e uma das obras primas da nossa pintura moderna. Tem uma distinção suprema essa dama vestida côr de rosa, figurada de perfil, e segurando, cheia de naturalidade, um leque; tudo, naquele quadro, é lumínico e despido de vulgaridade.

Manuel Jardim era também um poderoso desenhador, que sabia dominar as linhas como um verdadeiro mestre. O desenho que, devido à amizade com que sempre nos honrou, cedera para a *Alma Nova*, onde veio publicado, é admirável de equilíbrio e simplicidade. ¡Que maravilhosa aquela mão em repouso! Um Holbein não hesitaria assiná-la.

Quando um dia se fizer conscientemente a história do movimento modernista português, — daquele a que possa dar-se êsse nome, — Manuel Jardim ocupará, de direito, um lugar de precursor. Quando Santa Rita Pintor e outros artistas chegam a Paris, já aí se encontra de há muito Manuel Jardim, pontificando sôbre Arte moderna. A morte prostrou há pouco êsse nosso bom amigo de corpo débil que era e foi sempre, pelo espírito, um forte. Da última vez em que ambos conversáramos, pelo caminho que vai da Escola Médica ao Rossio, parece que havia no nosso querido Manuel um secreto pressentimento de que seria aquela a derradeira vez que nos falava. Os carros passavam e êle não nos deixava partir! Depois, só voltámos a vê-lo na véspera do seu entêrro, em sua casa, estendido numa urna, e parecendo adormecido sob montões de rosas...

Dada a falta de espaço com que lutamos e faltando-nos também muitos dos elementos necessários para estudarmos serenamente a obra do pintor, não podemos, nem devemos, alongar-nos em considerações pormenorizadas sôbre ela. Dar algumas impressões pessoais sôbre um artista e uma parte da sua obra, não é precisamente o mesmo que fazer crítica de arte. Conhecemos, sem dúvida, pessoas de competência que podiam ocupar-se do assunto. A nosso ver, o Prof. Henrique de Vilhena estaria em excelentes condições para tratar devidamente do artista. Além das reconhecidas e notáveis qualidades de crítico que possui, e do seu parentesco com o pintor, foi o seu maior amigo e confidente e conhece perfeitamente a sua obra.

SAAVEDRA MACHADO.





MANUEL JARDIM
: AUTO-RETRATO :
INÉDITO

CHAMFORT.

EXPOSIÇÕES DE ARTE

Mário Reis, Varela Aldemira e Mário Santos, com uma persistência simpática que muito os honra, vieram pela quarta vez a público expor os seus trabalhos.

Embora nesta interessante Exposição não tivéssemos encontrado individualidades definidas, nem possuído-ras, por enquanto, de poder criador, estamos, no entanto, na presença de três moços, artistas de verdadeiro merecimento, perseverantes, trabalhadores, ansiosos de progredirem, e caminhando a passo firme a caminho do Ideal. A vista espraia-se com agrado pelas suas pequenas telas aparamentadas de coloridos atraentes e delicados. Observamos paísa-



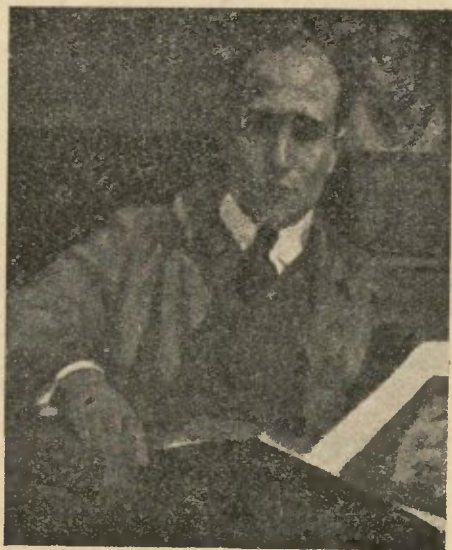
OS HUMILDES, POR VARELA ALDEMIRA

Mário Santos possui, inegavelmente, as qualidades dum retratista. Deve porém prestar devida atenção às extremidades dos seus modelos, e ao modo, nem sempre natural, como coloca na tela as suas figuras. Terminando, porque o espaço falta, diremos que a visita que fizemos a esta Exposição impressionou agradavelmente a nossa sensibilidade, e fazemos votos sinceros para que os três Artistas prosigam com fé no caminho traçado.

*

* *

Sobre o certame dos Aguarelistas portugueses, realizado em Madrid, o qual constituiu um belo êxito,



O PINTOR FERNANDO DAVID

POR MÁRIO SANTOS



CABEÇA DE PASTOR

POR MÁRIO REIS

gens com bem achadas transições de luz, onde, por entre gradações de tons azulados, ou verdes matizados e discretos, surgem, de quando em quando, casinhas amoráveis e rústicas. Mário Reis tem na sua «Casaria de Faro» um trecho feliz e verdadeiro. Varela Aldemira, no quadro que intitulou «A aldeia», mostra-nos um bom pedaço de pintura. Das suas pequenas águas-fortes, a denominada «O filho do Pastor» é graciosa e bem trabalhada. Mário Santos apresenta-nos retratos apreciáveis e cheios de vida. O de Conceição Silva, por exemplo, pode, sem favor, considerar-se um bom retrato. É sóbrio de técnica, tem carácter, e é esplendidamente iluminado e modelado.

escreverá oportunamente nesta revista pessoa competente.

É' nosso intento ocuparmo-nos ainda, num dos próximos números, de duas exposições ultimamente realizadas no Salão Bobone: a do Consagrado Mestre Pintor de Marinhãs, João Vaz, e a de pintura e desenho de Albano Portocarrero Almeida Coutinho e José Luís Brandão de Carvalho.

Sobre a Exposição dos «Cinco Independentes» que representou no nosso meio um acontecimento artístico notável, trata, no presente número da *Alma Nova*, a pênna do prof. Henrique de Vilhena.

S. M.

"5 INDEPENDENTES"



(Fol. Barros — Lisboa)

Um aspecto da Exposição dos "5 Independentes"

EXPOSIÇÃO DE PINTURA, ESCULTURA, GRAVURA E DESENHO.

: : : : PALÁCIO DE BELAS-ARTES, LISBOA, 1923 : : : :

NOTAS DE CRÍTICA TOMADAS PARA A "ALMA NOVA"

: : : PELO PROFESSOR HENRIQUE DE VILHENA : : :

Baby, de Diogo de Macedo, é uma escultura delicada. A sua *Nina de Velásquez* é bela; cuidada e larga, simultaneamente; é uma linda cabeça com pensamento na expressão, na fronte saliente, nos olhos baixos. *Antero* é um tanto literário, suggestionado. Em *Sic transit gloria mundi* vêem-se as melhores qualidades de artista, d'este escultor: espírito e uma técnica sapiente e cuidada. Em *Zeca*, delicadeza, exactidão, cuidado, crítica; e no *Torso de mulher*, a anatomia marca-lhe um caminho seguro logo que pretenda seguir na estatutária nua. Na *Taça para frutos*, composição de corpos em conjunto, Macedo sai do que parece ser a sua habitual tendência, a concepção das partes corporais isoladas — a cabeça, particularmente —, mas compõe com uma ligação, uma concatenação, uma energia mesmo que as outras obras não lhe fariam supor; contudo vê-se a procura, o trabalho, a *recherche*, e que teve de imitar, de suggestionar-se, por aqui, por ali.

Nas *gravuras* e nos *desenhos*, bastante numerosos, ele é impressivo, impressionista, leve, interessante, variado e mostra-se com um sentido diferente do que tem como escultor, em que se lhe vê um carácter mais firme e completo, uma atitude mais construtiva e crítica. São apontamentos desenhados ou gravados da sua mais fácil visão, deixando todavia sentir que, no fundo, a ideia escultural é a que o preocupa.

Cremos que Diogo de Macedo tem já em si próprio as necessárias qualidades para se dirigir, se orientar e assim enriquecer a sua já distinta obra; destacamos a inteligência fina e o sentido crítico (que em regra bem emprega, podendo, como todos, enganar-se, desvairar-se), a delicadeza da concepção e a exactidão e cuidado técnicos.

Henrique Franco tem numerosas telas, mas dispostas de modo que é difícil seguir a evolução do artista; o catálogo da exposição também não nos dá os elementos preci-

sos. Vamos pondo as nossas notas quasi seguindo as fomas tirando e ainda que se possa julgar que pecam por demasiadas no seu número e que poderiam reduzir-se, somar-se. O artista, H. Franco parece-nos numa fase em que merece todos os cuidados do critico; e que ele leia uma análise um pouco circunstanciada da sua obra, dispersa sem uma linha condutora ou directriz pelas paredes da Exposição, e talvez sem esta linha directriz no seu próprio espirito, não o julgamos inútil.

394 (quadrinho que não vemos mencionado no catálogo) é uma paisagem discreta, esbatida, sonhadora. A luz, uma certa intenção geral — real ou aparente — nos fizeram recordar algumas das nossas impressões de Puyis de Chavannes. Luz velada, como de um sol parcialmente eclíptico; intenção meditativa, contemplativa, de recolhimento espiritual, de isolamento d'este mundo de acção. O *Retrato do autor* (inacabado, segundo o catálogo) é de uma sobriedade e discreção de desenho, de cor, de luz, de pincelada, que só se obtém depois de muitos esforços e tentativas e de uma reflexão clara e profunda. Franco ali se mostra um pintor de uma finura subtil na apreensão dos matizes, das cores, podendo com elles, numa grande restrição de cores fundamentais, produzir uma síntese admiravelmente harmónica, sinfónica, e dar a imagem de uma discreta psicologia. Considerou o artista esse seu auto-retrato *inacabado*. Nós pedir-lhe-íamos que não pretendesse acabá-lo, que o deixasse ficar como está, pois tão perfeito o achamos.

No *Retrato do Sr. Vieira de Castro* ele tem a mesma técnica sóbria e velada em que parece temer ferir de mais o acidente exterior e vincar traços, acentuar cores e definir contrastes que prejudiquem um carácter, uma significação interior. *La blouse rose* é um busto insinuante de rapariga, de menina; tem suavidade, transparência, vibração, verdade, naturalidade. Não menos valioso é o *Estudo* (235, no C.) de uma cabeça de mulher jovem, — sóbrio, rápido e

sinéptico do ponto de vista da factura, mais forte no sentido expressivo e de uma simplicidade maior que *La blouse rose*. Franco tem um belo sentimento das cabeças femininas, como se vê nestes dois trabalhos e na *Jeune fille* e no que chama «Pintura a essência» (255) e no *Chapéu preto* e nas duas «Cabeças» a pastel (322 e 323).

No *Retrato ao ar livre* notamos uma falta de equilíbrio entre a cabeça da figura e o resto do corpo e o ambiente; a luz, a atmosfera explicam o discreto, o diáfano, o tom suave do tronco e dos membros, enquanto a cabeça tem uma vibração, um brilho, uma indiscreção que sentimos sem coerência. Dir-se-ia que alguém fez notar ao artista que o quadro tinha um ar de não acabado, de obra que se não perfez, e ele, como que sob essa sugestão, tivesse pretendido dar parcialmente na figura, a nitidez, o bem acabado de academia, cuja falta deveria ser, certamente, a que se lhe censurava.

Na *Acácia II*. Franco tem um interessante momento pictural: frescura, espontaneidade, primeira intenção. Nas *Paisagens da Ponta do Pargo, Madeira*, ele é ao mesmo tempo evocativo e decorativo, discreto e vibrante. Uma delas (248, no C.) propende todavia mais para a evocação e o sonho.

Em *O meu quadro de Paris como pensionista* Franco é um bom plástico; a forma da jovem é perfeita, aparte um limitado defeito na perna esquerda, lapso do artista; a pele tem todo o aveludado que se lhe pode sentir a uma certa iluminação. O tom geral é discreto e sóbrio.

No *Ninho* é decorativo, estudioso; ele experimenta, procura fazer diferente, não parar, evolucionar. Em *Os Tabalibos* (desconhecemos a significação desta palavra) há com evidência qualidades que correm paralelas.

Num e noutro quadro as coisas veem ao primeiro plano, as cores gritam claramente. *La poule noire*, que é ainda um quadro de género semelhante, parece aproveitar o trabalho do artista na confeição dos outros dois (ignoramos contudo se os seguiu, se os precedeu ou os entremeou); olha mais à perspectiva e busca o auxílio de outras qualidades que — bem pode deduzir-se do que vai escrito acima — são das que tomamos por melhores e mais características no artista: a sobriedade (que não exclui a riqueza) e a discreção (que implica a noção do conhecimento).

O *Jardim, Funchal* (244) é um trabalho de pintura esculpida ou escultural — assim lhe chamamos, sem a ideia de desdouro e sem ignorar o papel impressionista e modernista que por vezes tem tomado. É uma técnica e uma inspiração não conciliáveis facilmente — e assim um pouco dinamos também relativamente ao *Ninho* e aos *Tabalibos* — com o carácter do artista no que tem de melhor. Nota-se que ele procura, procura-se, mas se desvia, transvia e pode perder-se talvez. Aquele caminho não nos parece o seu; e, de um modo geral, a preocupação de trabalhar mediante várias técnicas, diferentes maneiras, não julgamos o melhor sentido dum artista. O artista não deve ter a preocupação da habilidade e de demonstrar os seus recursos; deve fazer a obra segundo o seu sentimento sincero e usando da técnica adequada e que pôde conseguir procurando, esforçando-se, mas sem nunca perder de vista o seu temperamento próprio, o seu génio natural. Que H. Franco se não desvarie e desvalorize julgando que estuda ou se estuda a si mesmo e tem por obrigação e missão provar o seu talento, pôr em evidência as suas possibilidades. Quando assim o artista se preocupa, ele é ou torna-se um assimilador, um maleável, e oblitera-se o seu génio próprio e original. A sua missão é fazer a obra conforme o seu sentimento mais profundo e verdadeiro, e a sua mais clara inteligência. O artista é a sua obra, é ela que nós vemos e que fica e desejamos bela e sentida em si mesma. Que ele não nos faça ver em primeiro lugar a sua pessoa trabalhando, porque logo a obra não adquirirá ou perderá o sentido mais extenso, e sofrerá das contingências banais e preocupações diárias que o ferem, e deixará ver o desejo de exprimir aos émulo ou aos rivais ou aos velhos mestres que se encaturaram, que ele sabe fazer como uns ou como outros e assim não temo ou desafia a sua crítica! Que nos importam em nosso trabalho, que nos devem importar as maledicências dos oficiais do mesmo ou de paralelo ofício, ou as observações da crítica de esquina e de café, ou as reflexões acrimoniais dos cenáculos mesquinhos ou os comentários gelados das academias!? O artista deve lavar-se de tudo isso e caminhar em seu mais sincero e profundo sentido, na ideia, na concepção, na técnica, na execução.

Franco tem ainda muitas paisagens e algumas «naturezas mortas» e outros estudos a óleo. Não são também escassas as gravuras a água forte. Em tudo se reflecte como um bom trabalhador desejoso de produzir uma bela obra. Veja ele bem qual é o seu carácter verdadeiro, que nos parece o transluzido por exemplo do auto-retrato, das duas mencionadas cabeças femininas e de certas paisagens evocativas, — compreensão e técnica podendo dar um grande artista, uma obra muito bela, se amplificados, aprofundados, enriquecidos, — e o seu caminho será brilhantíssimo.

É que em procura do seu próprio carácter se não demore extremamente. Tudo é breve em nossa existência, e todos vamos sentindo que, particularmente, na vida de hoje, as horas, o tempo correm ao lado de nós, tudo parecendo com uma grande pressa de chegar ao fim! Não é com isto que devemos contar?

Le Pont Neuf e *Le Pont St. Michel* de Alfredo Migueis são dois quadros sedutores, especialmente o primeiro de um colorido sinfónico, harmonioso. Nas paisagens, Migueis, além de as escolher conforme o seu sentimento que conhece, põe uma tonalidade suave, uma orquestração delicada e repousante, de cor e de luz, correspondendo à sua íntima emoção.

Este pintor tem um insinuante carácter de vida interior e intimista. Na *Arô e neta* estuda, procura, faz uma tentativa para a sua compreensão de almas e estados de alma exprimindo-se pela pintura dos rostos e corpos. No quadro *Minha mulher* há um grande esforço de interpretação, o qual consegue o objecto. O A., vemos contudo pelo catálogo, considera estes quadros «inacabados». Na *Mãe e filha* a cabeça da mãe tem uma vida interior grande; na cabeça da pequena é que ainda não se vê a compreensão da primeira, ainda está mal sentida, sem comogão, sem vida própria. A cor vibra, marca-se, destaca-se, nos três trabalhos.

O quadro que enviou de Paris, como pensionista (assim indicado no catálogo) é digno de se admirar e estimar. Há nele sensibilidade, vida espiritual intensa, sinceridade, realidade. A cabeça da mãe, a figura central, não é tão espontânea, fraqueja por esse lado; vê-se que é retocada, reflecte ela mesma com a sua expressão a diligência do artista, o estudo, a dificuldade que se quer vencer; mas não prejudica o conjunto que é belo na ideia, na composição, no sentimento, na emoção.

O espírito de Migueis no que tem de melhor faz-nos pensar em *Carrière*. Possui, como ele, um sentido primordial, relevante, da vida interior, da vida do seu sentimento, da sua alma, e da dos seres em cuja intimidade vive. Migueis, repetimo-lo, é um carácter de vida interior e intimista, confidencial, sentimental, apaixonado. Como supomos também que era em *Carrière*, as imagens chegam à tela depois de terem estado na sua alma.

Mas se Migueis, em nosso conceito, tem em muito e felizmente um feitio espiritual semelhante ao daquele grande artista francês, a técnica é diversa, de um colorido mais vibrante e menos nuancado, de uma luz mais intensa e menos profunda e invasora; o desenho é também diferente, a linha recorta-se, não se deixa tomar pelos cambiantes de luz e de sombra, não se indetermina modelando brandamente, continuando o ser com o ambiente, mas determina-se isolando-o, destacando-o. Na sua técnica todavia nota-se que Migueis ainda está em fase de pleno estudo, de um esforço contínuo. Pode dizer-se que o seu espírito, a concepção, superam a mão, a execução; a sua visão interior é mais insinuante do que é arguta e perspicaz a sua vista exterior, objectiva.

É assim que os seus quadros ganham em ser vistos a uma certa distância, difundindo-se então no ar, na atmosfera intermediária, os senões, as hesitações, os pormenores traindo esforços, dificuldades, e resultando, pela síntese apreendida, uma depuração do espírito das figuras e a despreocupação do nosso sentimento.

Bastante diferente é este pintor, por exemplo, de *Henrique Franco*. Não é um investigador como Franco, nem um manobrador, fazedor, como ele. Observa menos, é menos psicólogo e no entanto possui um sentimento maior da alma, mais profundo e comovido. É mais sóbrio, sapiente e discreto que Franco e contudo é mais resumido e circunscrito, isto é, menos difuso ou disperso, e mais interior, intimista e confidencial.

O seu caminho já está bem traçado, ele sabe qual é o que deve ser, o também sem dúvida que tem muito e muito que percorrer, que andar. Está começando a marcha, vê as di-

ficuldades, hesita, combate-as, vai vencendo e seguindo. Será um dia, no caminho já iniciado, também um grande artista e a sua obra perdurará. Dêle, cremos, em alguns anos poderá dizer-se, como um crítico notável (G. Séailles) disse de Carrière: «Com uma marcha lenta e segura, guiado por um instinto ao qual não obedece senão aplicando-lhe a sua reflexão, ele eleva-se para a beleza que corresponde à sua alma profunda.»

Dórdio Gomes tem intensidade de carácter, individualidade. Por *Uma família alentejana* pode apreender-se como começou. Em um fundo de paisagem do médio Alentejo, aquelas figuras salientam-se sem frescura, um tanto maçadas pelo pincel; o artista obriga-as, e elas assim se mostram, a pensarem, a causarem-se; mas ele tinha de as fazer, queria fazê-las, destacá-las segundo o seu sentimento, e o seu esforço lá ficou juntamente com as figuras. Já o *Rancho da azeitona* marca uma certa espontaneidade; é um quadro realista, bastante intenso no movimento das figuras, enérgico de concepção e de uma composição já difícil. A

sua veracidade, outro sinal da sua individualidade forte e sincera. Mas a sinceridade não é prejudicada pelo critério, pela discriminação, pelo gosto.

Em *Francisco Franco no seu ateliê de Paris* a técnica é diversa da sua habitual; é sumária, breve, apenas esboça e, no caso, faz o que basta. *A ponte do Carroussel, Paris*, é bela, um trecho verdadeiro de Paris com a sua luz que embriaga.

No *Auto-retrato* **Dórdio** tem uma das coisas superiores da exposição. É um retrato psicológico, espiritual. Planos bem acentuados, bem definidos, testa luminosa, olhos profundos, ao mesmo tempo com ardor e com sombra. É **Dórdio** vendo os seus *ceifeiros* (os dos 1.ºs planos) e o seu *rancho da azeitona*, e a charneca alentejana, grandiosa, sonhadora, sugestionadora de vontade, de energia, de independente individualidade.

O *homem do harmonio* é assim, forte, independente, sai da tela, acentua-se.

As *casas de Malakoff* mostram-se com caracteres idênticos, transportados, especificados em casas e ruas solitá-



(Fot. Bernês — Paris)

Casas velhas em Malakoff

Por Dórdio Gomes

ceifa tem as mesmas qualidades e, mais em destaque, o sentimento da natureza e do ser humano trabalhando nela, castigado pelo sol ardente e pela necessidade de um rude esforço. A perspectiva, o longe vasto, parecem assinalados em parte por pequenas figuras, os ceifeiros nas distâncias. Sem dúvida também o pintor fez assim porque viu assim. Mas aquelas figurinhas parecem-nos bonecos, tiram-nos um pouco, bastante mesmo, a impressão da grandeza, da seriedade do conjunto. O artista não deve ser um copiadador res- trito das coisas; é necessário que escolha, que discrimine, que crie ele próprio. Se a nossa vista, olhando um extenso campo de ceifa, ali encontra, a diferentes distâncias por ele, os ceifeiros, uns maiores, os mais próximos, outros pequenos ou mais pequenos, os mais afastados, — esses contudo não os vemos como bonecos porque o nosso entendimento espontâneo logo os refere ao seu tamanho natural, à vida envolvente, ao ambiente, à luz... Mas num quadro é mais difícil que isto aconteça e o artista haverá de se juxtapor às dificuldades da pintura como representante da natureza e, assim, não dizemos fingi-las, mas reconhecê-las e procurar a forma de fazer a obra sem que elas apareçam como defeitos. **Dórdio Gomes** quis ser verdadeiro, pôs no quadro a

rias. As coisas também assim se vêem, sobretudo às vezes, sumárias, destacantes, um pouco dramáticas, im- piedosas.

O que se nota no artista, em resumo: um intenso sentimento da natureza e da labuta dos seres humanos nela. Impregnação da cor e da luz alentejanas e correlativo sentimento da paisagem e dos seres. Tendência para generalizar a sua emoção (*Casas de Malakoff*) e para a caracterizar ainda mais em intensidade, fazendo-a enérgica, individualizadora (*Auto-retrato, Homem do harmonio*). Domínio já muito notável de uma técnica em que o desenho, a cor, a luz, a composição realizam já um bom conjunto.

Defeito que se lhe pode apontar: às vezes uma certa falta de gosto (por ex., o pormenor citado da *Ceifa*) que nos parece um reverso inicial de suas mesmas belas qualidades.

Caminho que se lhe pode indicar: o que já tomou, de individualidade crescente e ascendente, de realismo, de intensidade; sem esquecer o critério, o julgamento, a discriminação.

Francisco Franco, escultor, é despreocupado, agradável e forte. O *Busto de polaca* assim se mostra; o escultor mar-

cou, gravou, fez, seguiu, caminhou. Na *Criança*, do mesmo modo, com energia. Talhou a golpes. É como ele sente a criança, sem suavidade, antes com força, rudeza e, supondo talvez (e deve ter razão) que ela será um futuro escultor para quem a vida é matéria ou material a atacar rijamente, com o cinzel ou o escopro ou o maço, ou a mão forte e modeladora, e a esculpir, a tirar dela esculturas. Na criança *O Gil*, que já sentido temperamento! E a seguir o artista, com uma intenção análoga e um ímpeto notável, ataca um duro e tóscico pedaço de madeira (*Máscara*) e tallando-o com precisão forma uma excelente cabeça dolorosa, toda emoção espontânea e profundo carácter. O *Torso de mulher* é também, pela parte das costas, ancas e ventre, espontâneo, forte e seivoso, impregnado de juventude.

A *Rupariga francesa* parece uma cabeça arcaica grega, patinada de modernismo — permieta-se esta maneira de dizer. Cabeça! Face sobretudo é o que o escultor fez, o crânio não o preocupou muito, apanhou o que mais importava à sua impressão e seguiu!

Na *Figura tumular* (monumento levantado na Ilha da Madeira) vê-se evocação, emoção lançada para o alto, para diante, em oração, em êxtase! Corpo curvado sobre os joelhos e as pernas, cabeça erguida, olhos fechados, braços em prece, imploração! O *Ariador* (monumento comemorativo do raid Lisboa-Madeira) é pensamento lançado, vontade dominadora, simbolizados naquela cabeça que ela mesma tem asas, na boca descerrada, na fronte saliente, nos olhos de vista aguda, projectada para a frente e para baixo um pouco.

No *Retrato do Dr. Teixeira Duarte Franco* é realista e cuidadoso.

O *Busto do pintor Manuel Jardim* é uma obra em que a impressão do artista parece ter sido abalada sobretudo por um sentimento dramático, certamente sugerido pelo seu conceito ou o seu instinto sobre a vida de *Manuel Jardim*. O rosto está macerado, quasi se diria, flagelado; o olhar é alto, longínquo, parecendo atirar-se para um além fatal, irremediável. O artista, concebendo assim, tinha uma convicção dolorosa, uma emoção dramática. Sentiu daquele modo o seu amigo, o seu confrade na arte, e fez a imagem da sua própria impressão. Própriamente um retrato — espiritual, como devia ser — do que era habitualmente *Manuel Jardim*,

não está ali. E não está ali também a concepção do escultor da obra de *Manuel Jardim* através os seus traços fisionómicos, como o *Balzac* de *Rodin* ou o *Jean Paul Laurens* do mesmo. Isto é, a fusão da fisionomia do homem, do autor, do escritor ou do artista retratado com o espírito da sua obra. O sentimento estético de *Manuel Jardim* não era tomado ou vincado de dor: quando esta conseguia atingir a sua alma, logo ela mesma lhe recusava entrada na sua estética, na sua expressão artística.

Ainda há outras esculturas e numerosas gravuras de *Francisco Franco*, evidenciando a sua bem orientada actividade, a sua estudiosa iniciativa, aliás livre e enérgica. *Franco* é um escultor — é verdadeiramente um escultor. O que pensa e sente é o que esculpe e as suas esculturas são o seu próprio pensamento ou sentimento. O seu caminho está bem lançado e ele pisa-o com segurança, no riso e nos olhos um certo ar ingenua — e pretendidamente desaliador! Que sempre conserve a sua bela disposição de artista que produz e quer formar a obra por ela mesma, pela beleza produzida, pela energia derramada, é o que se lhe deve desejar com extremo simpatia.

Não nos referiremos um pouco a alguns trabalhos de *Eduardo Viana*, *Mily Possoz* e *Almada Negreiros*, que se encontram na Exposição por convite dos 3 Independentes. E não o fazemos precisamente pelo sentido fragmentário e isolado dos poucos trabalhos que expuseram.

Resta-nos falar de alguma coisa que ainda na recente Exposição extremamente se deve apreciar. Os expositores deram ao busto do seu falecido e saudosíssimo confrade *Manuel Jardim* o lugar de honra. Como que votaram aquele sincero e elevado concurso dos seus trabalhos à memória do seu ilustre companheiro, que assim honraram, acrescentando-lhes também, com esse acto, a sua própria dignificação.

Mais palavras não há que dizer. Os actos falam melhor do que as bocas ou a pena. E se aqueles artistas já de tanto se tornaram merecedores pelo que apresentam de obra desamviada, impetuosa, sincera e bela, também muito merecem pelo seu elevado e próprio sentimento.

29 — XI — 1923.

HENRIQUE LE VILHENA.

AMIGOS DA "ALMA NOVA"

Assim consideraremos todas as pessoas que por qualquer das formas seguintes desejarem cooperar no programa da nossa revista:

1.º — Assinando e recomendando a *Alma Nova* às pessoas das suas relações, e obtendo e pedindo a cada novo assinante que por sua vez consiga o maior número da assinaturas de pagamento garantido;

2.º — Concedendo ou angariando quaisquer subsídios para desenvolvimento geral do programa da *Alma Nova*, ou de qualquer das suas secções;

3.º — Anunciando ou fazendo anunciar na *Alma Nova*, invocando a larga distribuição da mesma por todo o país, ilhas e colónias, como garantia da utilidade comercial desses anúncios.

E' condição indispensável a todo o bom "Amigo da ALMA NOVA" angariar pelo menos um novo "Amigo".

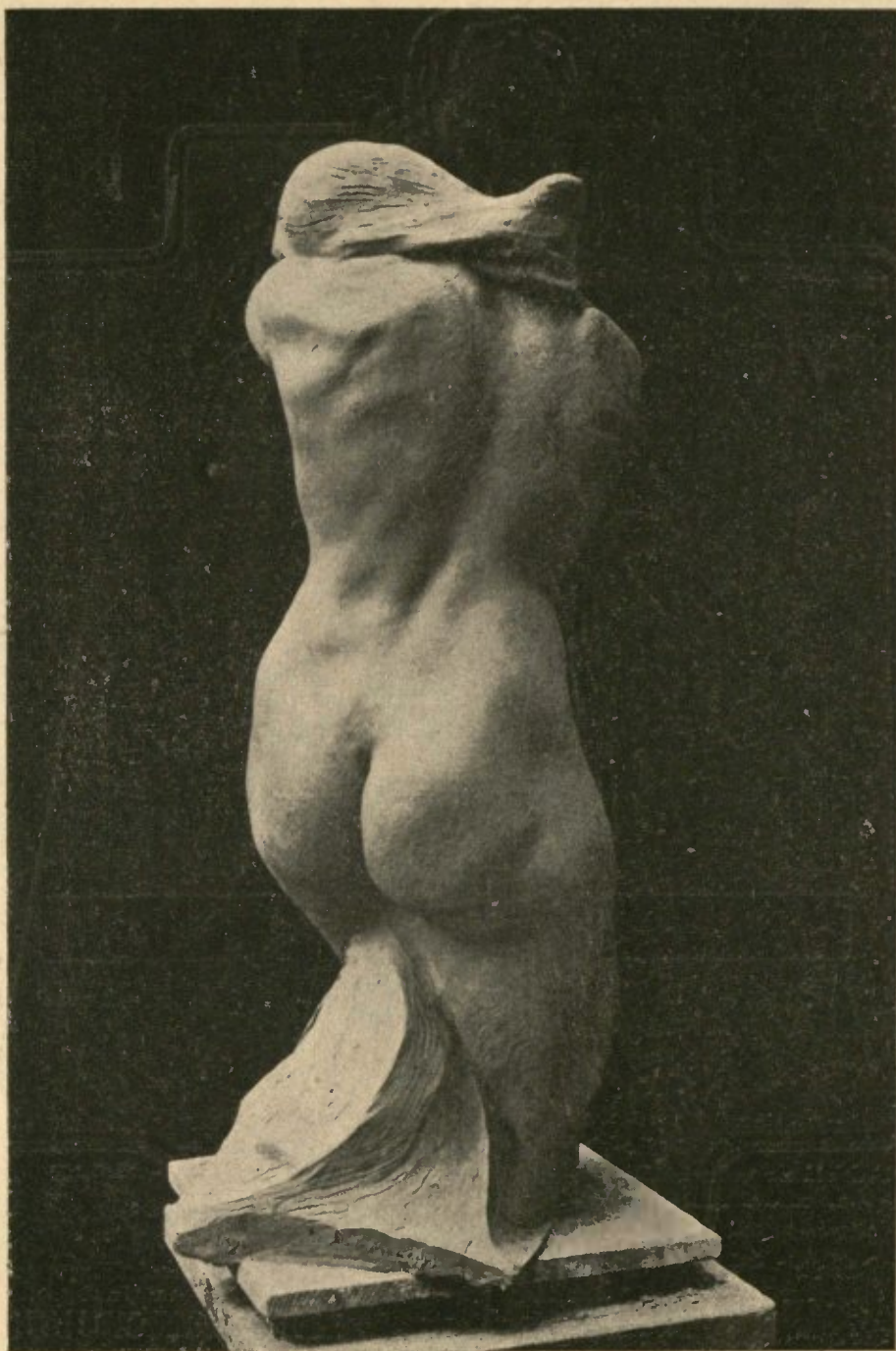
Todos os «Amigos» têm o desconto de 20 % nas suas assinaturas da revista e 10 % nas demais obras editadas pela Empresa «Ressurgimento».

«Amigos» já inscritos:

(CONTINUAÇÃO)

- 31 — Dr. Fidelino de Figueiredo, Escritor — Lisboa.
- 32 — Dr. Ascensão Contreiras, Médico — Lisboa.
- 33 — João José Gomes, Escritor e Artista — Lisboa.
- 34 — Carlos de Melo Pimentel, Ministério do Comércio.
- 35 — Jorge Salazar Antunes — Vizeu.
- 36 — Dr. Jaime da Graça Mira, Professor — Coimbra.
- 37 — Dr. Luis A. dos Santos, Advogado — Lisboa.
- 38 — J. I. Bentes Pimenta, of. do Exército — Lisboa.
- 39 — José Filipe Pilar, Correios e Telégrafos — Lisboa.
- 40 — Pedro Guedes, Professor e Artista — Lisboa.

- 41 — Dr. Alfredo Tenório de Figueiredo, Prof. — Lisboa.
- 42 — Eugénio Ribeiro — Albergaria-a-Velha.
- 43 — Dr. Vergílio da Rocha Dinis, Professor — Viseu.
- 44 — H. d'Assis Gonçalves, of. do Exército — Coimbra.
- 45 — J. Serrão Coelho de Sampaio — Gaia.
- 46 — Alexandre Prista — New-York, América.
- 47 — Aniceto Ferreira, Pittsfield, Mass. — América.
- 48 — Dr. Rogélio Buendia, Escritor — Espanha.
- 49 — Dr. Braga Paixão, Professor e Jornalista — Açores.
- 50 — Artur da Costa Marques — Ministério do Com.



"BAIGNEUSE", POR
: DIOGO DE MACEDO :
Salon de 1923. — Paris

MULHERES... E FLORES



RAPARIGA MINHOTA

DES. DE SAAVEDRA MACHADO

MULHERES e flores são irmãs, porque são o mesmo canto emotivo da Natureza falando ao coração dos homens.

Ambas são femininas e, por isso, ambas gloriosamente mulheres...

Vestais do belo, lhes chamou o sábio Mantegazza — às primeiras — num seu curioso livro de psico-fisiologia. Anjos tutelares da graça, asas piedosas da candura, cantos espirituais dum ignoto além enchendo a nossa vida de perdões e scismas, eu julgo que antes se lhes deveria chamar, se as de que porventura se trata têm o título de Portuguesas!

Saavedra Machado, um dos mais portugueses e mais sinceros dos nossos grandes artistas ilustradores, assim soube sentir, e como raros, no lindo tipo de rapariga minhota, que aí se ostenta, essa verdadeira beleza íntima, irmã gêmea das flores, que tanto caracteriza o tipo ideal e verdadeiramente inconfundível da mulher da nossa terra.

M. M.

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA"

Croquis
do «António Maria»

Croquis do «António Maria»

RAFAEL BORDALO E AS MULHERES

Por SAAVEDRA MACHADO

Mulheres do Bom Jesus
do Monte

TALVEZ porque as atenções dos estudiosos convergissem de preferência para determinados e mais discutidos aspectos das obras de Bordalo, — especialmente o polifício, — pouco se tem reparado até agora nou-
tros aspectos de importância, que também as valorizam, e, entre esses, tem a mulher um dos lugares mais salientes.



A Geraldina

Ela aparece nas páginas do caricaturista como das criações a que ele soube prestar mais atenção e a que ligou os maiores cuidados. A filha de Eva, dada a surpreendente fertilidade criadora de Rafael, surge-nos a cada passo do bico do seu lápis, ora alegre ora triste, amorosa ou irritada, aristocrata ou plebeia, ignorante ou sábia, criminosa ou santa, artista ou burguesa vulgar. Aparece-nos com as mais variadas expressões fisionómicas; exercendo os mais diferentes mistérios, ou interpretando os mais diversos papéis: é vendedeira de peixe ou de hortaliça, ama de leite ou criada boçal, taberneira ou vendedora de fruta, mulher elegante ou da alta roda, velha de capote e lenço ou menina namoradeira, senhora inquilina ou proprietária, dama sedutora ou repelente.

Croquis
do «António Maria»

As mulheres de Bordalo constituem, só por si, uma galeria soberba de tipos femininos, que é de toda a oportunidade analisar. Pode dizer-se que quasi não houve publicação do nosso humorista onde ele deixasse esquecidas as mulheres, ou não lhes dedicasse, em páginas da mais variada importância, alguns desenhos. Para o lápis de Bordalo as mulheres foram um dos assuntos, que o Mestre, auxiliado pelo poder admirável do seu génio criador, melhor tratou; e poucos artistas conhecemos, dentro ou fora da sua especialidade, que, tanto como Rafael, as tivessem compreendido e interpretado, porque poucos foram como ele, observadores expressivos e amoráveis.



Croquis do «António Maria»

Não lhe deveram só atenções as mulheres belas e simples da sua terra, que ele desenhava carinhosamente, como bom português; deveram-



Rainha D. Maria Pia

do mais subido mérito.

Domenico del Ghirlandajo pintou Sant'Ana e a Virgem rodeadas pelas mais belas Florentinas do seu tempo, sobressaindo entre todas, pela notável elegância e formosura que possuía, Ginevra de Benci.

Um dos trabalhos que mais imortalizou o pintor Leonardo da Vinci, foi, como é sabido, o conhecido retrato de Mona Lisa del Giocondo, a Gioconda, de misterioso sorriso.

O arrogante Miguel Angelo confessou grande amor a Vitória Colonna, marquesa de Pescara, mulher das mais espirituosas e formosas do seu tempo, sofrendo por morte dela imensa dor.

Andréa Vannuchi, ou Andréa del Sarto, como geralmente é conhecido, deveu à paixão que teve por uma mulher formosíssima, mas de génio excessivamente violento, todas as suas desgraças. Essa mulher, que foi depois esposa de Andréa, e figura quasi sempre como modelo das suas madonas, acabou, depois de ter infligido as maiores torturas ao infeliz artista, por desprezá-lo á hora da morte.

Francisco Goya y Lucientes não foi apenas um dos grandes mestres da pintura espanhola, em que sobressaíram os nomes de

Croquis do
«António Maria»Croquis
do «António Maria»

Tricana do Relacho



Menas Perliquitetes

Velásquez, Murillo, Zurbarán, e outros. Foi também um brigão temido e um amoroso incorrigível, cujas aventuras defam brado em Saragoça, Madrid e Roma. Nesta última cidade foi surpreendido uma vez, de noite, quando escalava os muros de um convento com o fim de raptar uma rapariga. O caso produziu escândalo e, para que o pintor pudesse escapar ao castigo do Vaticano, foi necessária toda a influência do embaixador de Espanha, vendo-se o artista na necessidade de regressar a Madrid.

De volta à pátria, Goya casou com Josefa Bayen, irmã dum seu velho amigo de atelier.

Ulteriormente, o notável Aragonês, tendo alcançado grande fama, viu-se rodeado no seu estúdio pelas maiores celebridades da época, e pelas damas da alta aristocracia madrilena.

Nesse período pintou Goya alguns retratos de mulheres da mais surpreendente formosura. A corte e o rei honraram-no com a sua intimidade.

Protegido da rainha, fez-se partidário, contra ela, da duquesa de Alba, o que lhe valeu também um pequeno desterro, findo o qual voltou à corte, prosseguindo aí, junto das mais lindas e nobres mulheres, nas suas aventuras de amoroso insaciável.

O nosso grande pintor Domingos António de Sequeira amou perdidamente uma jovem que era filha, ou sobrinha, do italiano Comelli, rico proprietário em casa do qual esteve hospedado em Roma, na via di Pane i Perna.

Posteriormente, quaisquer factos ignorados resultantes deste episódio amoroso de Sequeira, pareceram ter dado origem, em parte, a uma grave resolução da sua vida (1).

Rafael Bordalo Pinheiro, possuidor de temperamento expansivo e amável, que vemos trasbordar por toda a sua arte, não podia na mocidade ter ficado insensível ao amor. É esse afecto de Bordalo ninguém melhor o relata do que Júlio César Machado, quando escreveu: «Conhece-se o amor no muito que se sacrifica; é talvez uma das diferenças mais íntimas que há entre elle e a amizade: a amizade faz sacrifício de muitas coisas, o

amor sacrifica-se muito a si. Por isso na hora em que Rafael Bordalo se apaixonou pela senhora com quem veio a casar, cortou logo todo o género de prazeres e de divertimentos que lhe tornavam a vida agradável, e foi viver uns poucos de meses na Outra-banda, onde essa menina eslava a banhos.

Vivia como um assassino, como um malfetor, como um homem muito facinoroso, sempre escondido, sempre disfarçado (1), por causa da mãe da menina, que costumava repreendê-la ásperamente quando o avistava. O primeiro amor é muito cantado, mas não lhe fazem nisso favor nenhum, porque realmente o merece; basta ser o único não isento de amor próprio quanto o amor pode chegar a sê-lo!

No fim de um ano daquela vida quasi melodramática, pela forma, resolveu casar-se, casar ou morrer.

Pede-se a noiva; mas há recusa; elle tira-a aos pátrios poderes por meio de justiça; o casamento faz-se em treze dias (2).

Em todas as épocas, na verdade, as mulheres influíram na vida dos artistas e foram quasi sempre as melhores inspiradoras dos seus trabalhos. E, tanto valeram para o bom êxito destes, como concorreram para a glória, ou fatalidade daqueles.

Por isso o divino Gautier finaliza o seu conto «O velo de ouro» com as seguintes palavras, que põe na boca deliciosa de Gretchen, namorada e modelo do pintor Tibúrcio, quando este se resolve desposá-la: — «Serei a mulher de um grande pintor, mas não vos esqueçais, senhor, que fui eu que descobri o vosso génio, esse precioso diamante — eu, a Margaridinha da rua Kipdorp!»

(Excerto dum livro a sair).



A Senhorita Rosa Villa



A actriz Maria Pia d'Almeida



Eleonora Duse



Uma das figuras da Companhia hespanhola de canto e baile

(1) Essa resolução diz respeito à entrada do pintor no convento da Cartuxa. Vide o n.º 7 da revista *Artes e Letras*, 3.ª série, pag. 105, 1874, estudo do marquês de Sousa Holstein sobre Domingos António de Sequeira.

(1) Na sala 3 do Museu de Rafael Bordalo Pinheiro há um desenho do Artista em que este se representa vestido com o traje com que falava à namorada.

(2) Vide o prefácio do «Album de caricaturas. Frases e aneddotas da lingua portugueza», 1876, pag. 14.

EVANGELIZADORES DA LÍNGUA

1

O primeiro dever de qualquer homem é falar e escrever com correcção a sua língua. Mas o primeiro dever de qualquer escritor não é só falar e escrever com correcção a sua língua, — mas conhecê-la toda como virtuoso, amá-la toda como artista, e respeitá-la toda como sacerdote.

2

QUANDO no que escrevo descubro um erro contra a linguagem, punge-me um remorso que eu sinto nascido do meu sangue: é um remorso étnico que me desola, não já como mau artista, mas como matador da pátria.

3

Os Gregos tinham professores cuja missão era ensinar às crianças de Atenas o ritmo e a pureza da sua língua. Eram os músicos da gramática. Não seremos agora os beócios da linguagem? Deixamos embrulhar-se e escurer-se aquela música latina que no Poema, subindo das naves, ia afagar a rósea concha dos ouvidos de Vênus.

4

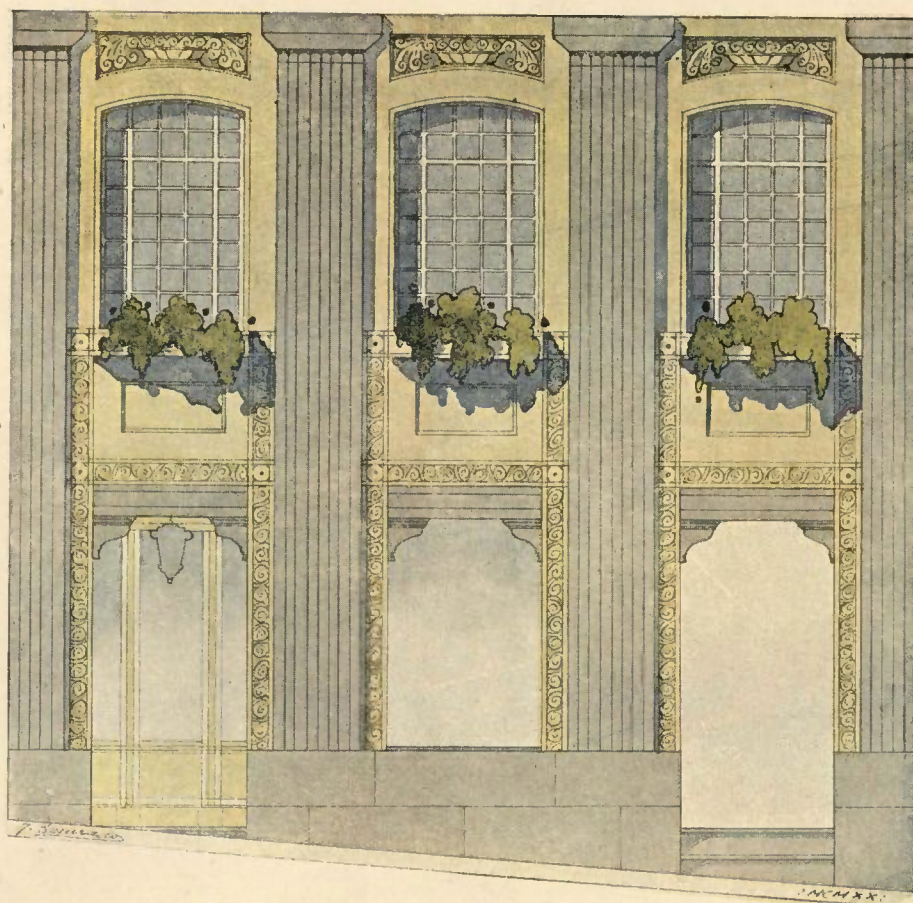
Na lingua portuguesa há caçoulos de aromas em cujo ardor esvaído a alma voga.

(Em Demanda do Graal)

AFONSO LOPES VIEIRA.



ARQUITECTURA



PROYECTO DE FACHADA

JORGE SEGURADO.

A «ALMA NOVA» NAS PROVÍNCIAS

O ALGARVE

E A SUA AUTONOMIA ADMINISTRATIVA

Fala o Dr. Maurício Monteiro

Maurício Monteiro é um espírito novo, inteligente e muito equilibrado. Porque julgamos haver certos desequilíbrios nalgumas reivindicações autonomistas, desejámos ouvi-lo sobre o Algarve, provincia a que Tomás Cabreira, saudável amigo e ex-ministro das finanças, atribuiu as mais amplas condições para uma verdadeira autonomia. O nosso velho camarada, que hoje desempenha funções administrativas num dos mais ricos concelhos algarvios, responde-nos como segue:

“NÃO vejo motivo para se alarmarem os gansos do Capitólio com a autonomia do Algarve. Autonomia administrativa não quer dizer *independência*, mas sim uma *inter-dependência* natural, baseada no desenvolvimento económico da provincia, que reclama de há muito uma vida administrativa muito sua, de forma a colocá-la fora das peias do Terreiro do Paço, que tudo promete e nada faz — umas vezes porque os governos não podem, outras porque os não deixam. A nossa autonomia significa, pois, uma mútua colaboração, uma conjugação de esforços, que, tendendo a desenvolver o Algarve, desenvolve e enriquece implicitamente o país, de que este é uma parte componente, e isto não só no ponto de vista político, mas ainda no fiscal e económico.

Há quem veja no regionalismo autonomista uma fonte de desagregação perigosa, de sintomas anárquicos. Pelo contrário; tudo depende do estado de cultura e desenvolvimento da região a que se concede tal regalia, semelhantemente à emancipação concedida ao menor para reger a sua pessoa e bens.

Não há, por consequência, motivo para sustos. E se encararmos o problema à face da ciência moderna e das experiências feitas, nós somos levados à conclusão de que está no regionalismo autonomista a revivescência das nossas qualidades e das nossas virtudes ancestrais, que constituem ainda o melhor sustentáculo no meio desta desagregação nacional.

O Algarve tem, além disso, como nenhuma outra provincia, os elementos mais aconselháveis para reclamar a sua autonomia. E não só nos seus costumes, nas suas tradições, e no seu clima, mas ainda no seu grande desenvolvimento industrial e no seu enorme comércio, quer interno, quer de exportação. Lá estão, porém, as cifras da contribuição industrial — longe de constituírem o verdadeiro índice — a demonstrá-lo claramente. A criação de filiais e



Dr. Maurício Monteiro

agências de bancos não atesta bem a importância das suas transacções? Mas para quê citar números e indicar factos, se elles são do domínio público.

Os seus portos, estou certo, estariam hoje em melhores condições de navegabilidade, se estivesse nas nossas mãos, algarvios, o poder melhorá-los. O interesse directo na sua melhoria iria actuar no espírito dos dirigentes da provincia, levando-os a obras práticas e de urgente e immediata utilidade pública, porque as receitas da provincia dão fartamente para isso.

No ponto de vista do turismo, o Algarve oferece como nenhuma outra provincia pontos inéditos de uma beleza inconfundível. Terminado que seja o hotel da Praia da Rocha, e entregue as Caldas de Monchique a uma empresa competente e arrojada, a provincia em breve passará — feita a devida propaganda — a ser aquilo que tem direito: *a mais bela das oito filhas do nosso Portugal.*

E' todavia indispensável vesti-la convenientemente, adorná-la, para que possa ser apresentada ao estrangeiro, sempre curioso das nossas belezas.

A lenda de que o algarvio é indolente está de há muito deitada por terra; a sua actividade comercial e industrial assim o demonstra, dia a dia. E se algum sangue árabe, fatalista e rotineiro, na verdade, por cá existe, não menos certo é que antes dele já por cá havia muito sangue grego e fenício, cruzado com raças e civilizações diferentes, e constantemente retemperado e posto à prova no periodo das nossas descobertas e conquistas, nas quais o algarvio, marítimo, tanto contribuiu.

Não faltam homens capazes de arcar com a administração da provincia. A dificuldade está simplesmente em arrancá-los da tebaida em que se enrincheiraram, sem nos preocuparmos com o credo político.

A seguir:

Fala o illustre engenheiro-agrônomo e comendador sr. J. Ferreira Nelo.

NO PRÓXIMO NÚMERO
LENDAS DO ALGARVE

(AS MOURAS ENCANTADAS)

Notas póstumas recompiladas expressamente para a «Alma Nova»

Por ATAÍDE OLIVEIRA

(Com uma carta inédita deste erudito investigador)

TURISMO

Secção dirigida pelo Prof. M. Pereira da Silva,
para divulgação das belezas naturais do país, ilhas e colónias,
e estudo das suas principais fontes de riqueza

ESCREVÊRAMOS nas «Palavras do Abertura» do n.º 1 da presente série:

«Literariamente, a *Alma Nova* procurará ser a confirmação do seu programa de Arte. Arte, bem entendido, no significado genérico de *Culto da Beleza*.

«Como revista moderna, acompanhará em conjunto a evolução intelectual das novas gerações, eximindo-se, todavia, do exagêro de exotismos que possam desvirtuar a missão que se impôs.

«Será assim uma revista não somente para os Iniciados, para os que já definiram a sua predilecção por esta ou aquela corrente, mas uma revista completamente ao alcance de todas as sensibilidades e até, se possível, de todas as inteligências. O que nas suas páginas se pretende ensinar, sobretudo, é a melhor conhecer e amar Portugal.

«Em *Sciência* fará obra de simples divulgação. Deixando às revistas das especialidades o aprofundarem os diversos assuntos, dêles dará, no entanto, a suficiente matéria para uma illustração mais do que geral.»

Nestas bases modestas, mas tão nitidamente definidas, quanto em nós havia e há a consciência nítida do quo se tem a fazer, a ideia duma secção de «turismo» ou de «divulgação regional», não nos podia parecer mais oportuna.

Pensando o illustre professor sr. Pereira da Silva na publicação dum periódico com os mesmos intuitos, procurámos, pois, entrevistá-lo, a fim de lhe lembrarmos a conveniência de se não dispersarem actividades em publicações infalivelmente efémeras, quando dentro da própria *Alma Nova* tanto de útil, e até sob maiores garantias, talvez se pudesse realizar.

Sua Ex.^a, de completo acôrdo connosco, responde-nos, com inextinguível entusiasmo:

—«Evidentemente! Além disso, dada a já larga difusão da revista *Alma Nova*, e ainda a facilidade do mais vir a desenvolver-se, com a

nossa entrada para o seu corpo redactorial, todos seremos nesse ponto a lucrar. Não tive ainda occasião de consultar alguns dos meus colaboradores, mas estou absolutamente convencido de que participarão da minha firme opinião sobre as vantagens do nosso ingresso na revista. E desde já lhe posso afirmar que entre eles se encontram elementos de todos os distritos do país, ilhas e colónias, dispostos, como eu, a trabalhar a sério, com alma. Urge, porém, começar. Em Portugal não se conhece ainda devidamente o país; as suas belezas naturais são absolutamente ignoradas pelo nosso povo. Muitas riquezas naturais que podiam ser vantajosamente aproveitadas estão, umas por descaphecimento, outras por ignorância e desma-zêlo, vilmente ao abandono. Mais ainda, os interesses regionais têm sido por completo postos de parte por todas as entidades que dêles se deviam

ocupar. Aguas minero-medicinaes, riquezas extractivas do solo, aproveitamento das torrentes, estudo dos terrenos de cultivo, desenvolvimento de estâncias de turismo, inquérito à indústria hoteleira das termas e praias, — do tudo isto o muito mais, quo se encontra por fazer, nos procuraremos ocupar; e sem outros interesses, é bom dizer, que não o de bem elucidarmos o público, com ensinamentos úteis, e o de reunirmos em nossa volta um forte núcleo de bem-intencionados.»

Eis, portanto, o programma da nova secção da *Alma Nova*, a iniciarmos no n.º 13, e de que o illustro

professor Dr. Pereira da Silva acaba de assumir a direcção.

Toda a correspondência relativa à mesma deve dosde já ser remetida ao respectivo director.



Um lindo trecho do Minho

(Des. de E. ROMERO.)

Brevemente:—SIMÃO BOTELHO do *Amor de Perdição*.—Notas médico-psicológicas, pelo Dr. António Carvalho Dias.

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

1.^a PARTE. — OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS. — TÍTULO 1. — LIVROS (PROSA)

(CONTINUAÇÃO)

- 25 **Campos** (António Mário de Figueiredo) — (Tenente-coronel do corpo de Estado-Maior, lente da Escola Militar) — «Aos Soldados Desconhecidos» — folh. (0,160×0,241) com vinheta. — *Tip. da Escola Militar, Lisboa, 9 d'Abril de 1921. Edição do Autor.*
- 26 **Idem** — «Na penumbra da Grande Guerra. O suplicio duma alma» — folh. 9 p., c. il. (0,150×0,225), *Imprensa Nacional, Lisboa, 1922. Edição do Autor* (1).
- 27 **Campos e Sousa** (Valeriano António de) — (Capitão de Artilharia) — «No turbilhão vermelho» — 156 p., c. il. (0,090×0,140), *Imp. de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d., edição de João Romano Torres, Lisboa.*
- 28 **Cândido** (Zeferino) — (Lente da Universidade de Coimbra) — «O canhão vence... A verdade convence» — 177 p. (0,090×0,152), *Imp. Libânio da Silva, Lisboa, 1915, edição da Livraria Ferreira, Lisboa.*
- 29 **Cardia** (Amélia) — «Episódios da Guerra» — 170 p., com retrato da Autora (0,083×0,133), *Impr. de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d., edição da livraria Portugal-Brasil, Lisboa.*
- 30 **Carlos Selvagem** (pseudónimo do capitão de cavalaria Carlos Tavares Afonso dos Santos) — «Tropa d'África. Jornal de campanha dum voluntário ao Niassa» — 424 p., il., c. il. pelo capitão Menezes Ferreira, (0,080×0,133), *Renascença Portuguesa, Porto, 1919. Tem 2.^a edição, 367 p., 1921.*
- 31 **Carneiro de Moura** (João Lopes) — (Director Geral da Administração Pública) — «Depois da Guerra. Portugal e o Tratado de Paz» — 267 p. (0,091×0,162), *Imprensa Nacional, Lisboa, 1918, edição de Ailaud & Bertrand, Lisboa.*
- 32 «**Cartilha do Povo**: 1.^o encontro: Portugal e a Guerra» — folh. 29 p., (0,076×0,126) — *Renascença Portuguesa, Porto, 1916.*
- 33 **Casimiro** (Augusto ... dos Santos) — (Capitão de Infantaria, do Bat. de Inf. 23 do C. E. P.) — «Nas trincheiras da Flandres. 1917» — 268 p., c. il. por Diogo de Macedo e um desenho de Cristiano Cruz (0,080×0,134) — *Renascença Portuguesa, Porto, 1918. Tem 4.^a edição, 248 p., Setembro de 1919.*
- 34 **Idem** — (Sidónio Pais. Algumas notas sobre a intervenção de Portugal na Grande Guerra) — 347 p. (0,080×0,131), *Impr. Moderna, Porto, 1919, edição da livraria Chardron, de Lelo & Irmão, Porto. Tem 3.^a edição.*
- 35 **Idem** — «Calvários da Flandres. 1918» — 213 p., c. il. por Sousa Lopes (0,080×0,135) — *Renascença Portuguesa, Porto, 1920. Tem 3.^a edição.*
- 36 **Idem** — «Portugal na guerra do mundo. I — Naulila» — 240 p. (0,085×0,133), *Imprensa da Universidade, Coimbra, 1922, edição «Seara Nova — Anuário do Brasil», il. com 3 esboços itinerários de marchas e do terreno do combate de Naulila.*
- 37 **Castro** (Augusto de ... Sampaio Corte-Real) — «Campo de ruínas. Impressões da Guerra» — 209 p. (0,075×0,150), *Tip. da Imprensa Portuguesa, Porto, s. d. (1919), edição da Empresa Literária Fluminense, Lisboa, s. d. (1919). Tem 4.^a edição em 1923.*
- 38 **Chagas** (João) — «Portugal perante a Guerra. Subsídios para uma página da História Nacional» — folh. 32 p. (0,099×0,170), *Tip. da Empresa Guedes, Porto, 1915. Edição do Autor.*
- 39 **Clark** (Miron) — «Os Estudantes na Presente Guerra. Palestra realizada na Filial em Coimbra da Federação Mundial de Académicos, em 8 de Dezembro de 1916» — folh. 23 p. (0,073×0,125), *Tip. Progresso, Porto, 1917. Edição do Autor.*
- 40 **Cortezão** (Jaime Zuzarte) — (Capitão-médico miliciano, em serviço no Bat. de Inf. 23 do C. E. P.) — «Memórias da Grande Guerra. 1916-1919» — 242 p., il., c. il. por Sousa Lopes (0,081×0,135), *Renascença Portuguesa, Porto, 1919.*
- 41 **Costa Dias** (Manuel) — (Capitão do Serviço de Administração Militar) — «Flandres. Notas e impressões» — 276 p., il. (0,080×0,144) — *Tip. Libânio da Silva, Lisboa, 1920. Edição do Autor.*
- 42 **Cunha e Costa** (José Soares da) — «A moral política e a beleza espiritual da Guerra. I: a Bélgica» — folh. 43 p. (0,090×0,160), *Imp. Libânio da Silva, Lisboa, 1915. Edição da livraria Ferreira, Lisboa. (Conferência proferida no salão nobre da Liga Naval Portuguesa, em Lisboa, na noite de 13 de Março de 1915).*
- 43 **Delduque** (Adelino ... da Costa) — (Capitão de Infantaria, da 5.^a Brigada do C. E. P.) — «Notas do cativo. (Notas dum prisioneiro de guerra na Alemanha)» — 103 p.,

(1) O Autor foi louvado e condecorado com a Medalha Militar de bons serviços pela publicação destas obras (O. E. n.º 5, 2.^a Série, de 31 de Março de 1922, pags. 183 e 190).

- (0,090×0,139). Of. Gráficas do Exército, Lisboa, 1919. Edição da livraria Rodrigues, Lisboa.
- 44 **Dias (António)**—(Tenente miliciano de Infantaria, do Bat. de Inf. 13 do C. E. P.)—«Nas garras da Kultur. Impressões de um prisioneiro de guerra na Alemanha»—140 p., il. e c. il. (0,080×0,129), comp., imp. e edição da Tip. Montes Herminios, Ceia, 1920.
- 45 **Idem**—«Honra e Glória. Alocução proferida no juramento de bandeiras dos recrutas de Infantaria n.º 35, no dia 21 de Dezembro de 1919»—folh. 15 p. (0,073×0,117), comp., imp. e edição da Tip. Montes Herminios, Ceia, 1920.
- 46 **Fabra Ribas (A.)**—«O Socialismo e o conflito europeu. O Kaiserismo: eis o inimigo!»—202 p. (0,091×0,151), Imp. de Manuel Lucas Torres, Lisboa, 1916. Edição de Guimarães & C.^a, Lisboa. Com um prefácio de Sebastião de Magalhães Lima, um prólogo de Vicente Blasco Ibañez e uma carta de Gregório Alexinsky.
- 47 **Ferreira do Amaral (João Maria)**—(Major de Infantaria, Comandante do Bat. de Inf. 15, dos Morteiros da 1.^a Divisão e do IX Bat. do C. E. P.)—«A Mentira da Flandres e... o medo»—496 p., com retrato do Autor (0,085×0,146), s. l., 1922. Edição da livraria Rodrigues, Lisboa. Na capa a epigrafe: «Quos vult Jupiter perdere, demental prius». Tem 4.^a edição, 1922.
- 48 **Idem**—«A Batalha do Armentières ou O 9 de Abril»—63 p., c. il. com a «máscara» do Autor, il. com os retratos dos generais Ludendorff e Gomes da Costa (0,091×0,143), Tip. do Comércio, Lisboa, 1923. Edição do Autor. (É o 2.º milhar. Foi publicado em 1920 no «Jornal de Benguela», sob o pseudónimo de «João Ninguém» e no ano seguinte, 1.º milhar, em separata do mesmo jornal, revertendo o produto líquido da venda a favor dos Mutilados da Guerra. Tem 3.^a edição, 1923.
- 49 **Ferreira (M. A. da Silva)**—«História da Guerra Europeia»—4 vol. de 12 tomos de 32 p., il. e c. il., (0,091×0,151), Tip. de Francisco Luis Gonçalves, Lisboa, s. d.
- Referências à cooperação de Portugal e às tropas portuguesas: Tomo 43, págs. 202 a 205; Tomo 44, págs. 229, 236 a 241, e 242-243; Tomo 45, págs. 266-267, 268 e 271; Tomo 46, págs. 297, 300 e 306 a 316; Tomo 47, págs. 327-328 e Tomo 48, págs. 360, 363, 367, 373 e 377.
- 50 **«Festa da Infantaria.** Comemoração do esforço da arma na Grande Guerra, em Angola, França e Moçambique e glorificação dos seus mortos, na Escola de Tiro de Infantaria. Mafra, 12 de Março de 1922»—folh. 52 p., il. com uma reprodução da lápide comemorativa dos mortos da arma, do escultor Anjos Teixeira (0,102×0,200), Tip. da Guarda Nacional Republicana. 1923. (Contém 9 discursos e alocuções).
- 51 **Figueira (Joaquim F. de)**—«Pró Pátria»—folh. 32 p. (0,085×0,155), Imprensa Académica, Coimbra, 1919.
- 52 **Forjaz de Sampaio (Albino)**—«A Avalanche. A' margem da Grande Guerra»—220 p., (0,033×0,134), Tip. da Imprensa Portuguesa, Porto, 1918. Edição da Empresa Literária Fluminense, Lisboa.
- 53 **Franco (Sizenando António de Chagas)**—(Major de Infantaria)—«As Sacrificadas. Memórias de uma Madrinha de Guerra»—220 p. (0,033×0,134), Impr. de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d. (1922). Edição da livraria Guimarães & C.^a, Lisboa.
- 54 **Idem**—«Na Guerra e na Paz»—280 p., il. com en-têtes e pequenos ornatos a fechar os capítulos, e. il. com meio pórtico manuelino (0,096×0,170), Imprensa Nacional, Lisboa 1920.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Comissão de História Militar

Foi recentemente instituída esta Comissão, que se propõe reúnir elementos para a organização da História Militar Portuguesa.

Louvável é o intuito, e muito há a esperar dessa Comissão, dada a categoria intelectual de muitas das individualidades civis e militares que a constituam. Reparável se torna, porém, que o respectivo professor da matéria na Escola Militar nem tivesse sido convidado.

Esquecimento tão melindroso, é justo que se repare com urgência, ao menos para decoro do nosso primeiro estabelecimento de ensino militar.

A não ser que a referida Comissão ainda não esteja, de facto, oficialmente constituída, como de boa fonte nos constou...

Aguardemos.



CORONEL MÁRIO DE CAMPOS

Professor de História Militar da Escola Militar de Lisboa

Redução do funcionalismo

Não há ajuda sobre este assunto, que julgamos inadiável, uma ideia firme e concisa. A redução do funcionalismo impõe-se para bem da situação material do próprio funcionalismo. Sem boa remuneração não há estímulo e sem estímulo não há trabalho útil. Convém, no entanto, que antes de se pensar em reduzir se pense em reorganizar. O contrario é dislate.

Tenente Ávila Madruga

Deste ilustre oficial de artilharia a pé, um dos mais valentes da Grande Guerra, condecorado com a *Military Cross* e a *Cruz de Guerra Portuguesa*, publicaremos no próximo número um curioso extracto duma conferência recentemente realizada um dos fortes do C. E. L., sobre Aeronáutica Militar.

O LOUCO AMOR

ORIGINAL DE
RAMÓN MARIA TENREIRO

NOVELA

VERSÃO DE
FIDELINO DE FIGUEIREDO

TRADUZIDA EXPRESSAMENTE PARA A "ALMA NOVA"

COM ILUSTRAÇÕES DE SAAVEDRA MACHADO

(CONTINUAÇÃO)

SENTINDO-SE vencida, tratou de ganhar o cego à sua causa; nunca havia estado tão carinhosa com ele. «Pobrinho meu — dizia-lhe —, que por essas malditas velhacas ainda te has-de ver na rua pedindo de porta em porta o pão da tua boca! Teu pai deu em louco, louco!... Dá-lhes quanto querem... Milhares de pesos... Assim, até blusas de seda leva aos domingos essa ranhosa... Blusas de seda!... Quando eu nunca tive nenhuma! E o banana do teu pai suporá que foi ele o primeiro... Sim, sim, o primeiro... Ainda ela não tinha doze anos e já a encontravam ao anoitecer pelos portais com todos os rapazes da aldeia.» E continuava amontoando calinias e cabinias á conta do comportamento da pobre rapariga. Jaime cria firmemente quanto ela lhe contava e sentia o ódio mais vivo pelo objecto daquele derradeiro amor de seu pai.

A noticia do casamento foi como uma bomba. A Filomena disseram-lho uma tarde na rua; tornou a casa, correndo, e mal entrou caiu na cozinha com um espantoso ataque de nervos. Teve que estar dois dias de cama. Tais coisas soube dizer depois ao cego; de tal modo lhe pintou o que seria a sua vida ao lado de uma madrastra como aquela, senhorita feita á pressa, que empregaria todo o seu orgulho em o maltratar, pois saberia que não tinha sido do seu agrado o casamento; que teria um filho cada ano. Deus sabe de quem, mas que viriam ocupar o primeiro lugar na casa e herdariam com ele, que Jaime, certo dia, depois de comer, decidiu-se a falar com seu pai e dizer-lhe tudo quo lhe tinha inspirado Filomena.

D. Gaspar, muito contente, fumando o seu charuto, dispunha-se a sair para casa da noiva; Jaime começou a falar com muita timidez, mas pouco-a-pouco, com grande assombro seu, chegou a fazer-se senhor de si, foi dizendo tudo: o ridículo daquele casamento de velho e menina que fazia rir todo o povo; a vergonha de que uma mulher operária sem educação, viesse ocupar o lugar de sua mãe; por último a decisão que tinha tomado de sair de casa, para viver ainda que fôsse de esmolas, para não ter de tratar como madrastra a uma mulher como aquela.

O pai, cego de furor, quasi quo lhe tinha deitado as mãos ao pescoço; imediatamente tinha compreendido donde vinha aquilo, que o cego, com o seu carácter doce e apoucado, era incapaz de ter ideado sózinho. Sain da sala de jantar como uma fera, chamando por Filomena com vozes espantosas; em seguida tinha-lhe metido nas mãos a soldada, obrigou-a a recolher a roupa, e sem fazer caso dos seus tremendos gritos, que iam congregando os vizinhos diante da porta da rua, tinha-a obrigado a sair de casa, sem lhe dar tempo nem para se despedir de ninguém. Filomena, no meio de um còro de curiosas comadres, tinha ido rua abaixo clamando as mais espantosas maldições.

Aquella brutal scena, quo o tinha deixado a tremer de medo, esgotou todas as energias do cego. Encerrou-se então em um hostil silêncio do qual não sain, nem depois da boda, quando a fresca voz e os risos de Generosa vieram alegrar o sombrio convento que habitavam. A rapariga, ao primeiro instante, tinha tratado de ganhar o affecto do cego; mas foram tais as suas friezas e desdêns que também ela acabou por lhe não dirigir palavra.

Veio depois a enfermidade do pai e com ela os ternos cuidados de Generosa. O pobre senhor já não tinha palavras senão para a bem-dizer e louvã-la. Para dar gosto ao pai, Jaime tinha acabado por falar-lhe com algum affecto.

Isso sim — pensava o cego —, não era possível negar-se a reconhecê-lo. Ela ter-se-ia casado por interesse ou pelo que fôsse, mas nem a melhor filha teria cuidado com maior carinho do eufêrmo. As últimas palavras de D. Gaspar haviam sido para lhe recomendar que não se abandonassem nunca, que fôsem sempre um para o outro como irmãos.

* * *

Passaram três meses. Chegou com suas alegrias o San-João. Um alvorçado bando de andorinhas, que se aninha debaixo dos escuros alpendres do convento, desperta a Jaime todas as manhãs com o ardente còro de seus cantos e provoca na sua alma uma tibia o vaga esperança de ditas desconhecidas.

Por volta das sete, costume adquirido no tempo das missas gregorianas, ouve uns passos amigos que se acercam pelos corredores, umas pancadas suaves com os nós dos dedos na sua porta:

— ¿Pode-so entrar, senhor dorminhoco?

Jaime não o confessava, mas eram para ele um verdadeiro regalo aquelas visitas.

— ¿Não te envergonhas de estar ainda na cama? Eu já venho da missa. Toda a aldeia está cheia de gente; todas as lojas abertas, e tu ainda entre os lençóis.

Sem interromper a sua tagarelice, escova-lhe o fato, limpa-lhe o calçado. Porém não hão-de durar muito aquelas visitas. Generosa regressa á sua casita da praça do Conde, cerrada desde o falecimento de sua mãe, pouco depois do seu casamento, e o cego ficará só no velho e lúgubre casarão familiar. Faria mês o meio que lhe morrera o marido, quando Generosa, que continuava a notar certa frieza e tensão no trato do cego, disse a D. Indalécio que queria voltar para casa.

O bom do homem scandalizou-se:

— Que loucura! ¿Viver sósinha uma rapariga de vinte anos! ¿Que dirá o mundo! ¿Abandonar assim ao pobre cego!

— So o faço é por êle. Quanto a mim... Avê-Maria! Por toda a vida saíria desta casa! Mas prunte-lhe a êle se não quere que eu me vá.

— ¿Ila-de agora querer! ¿Só se fosse louco!

— Pregunte-lhe, pergunte-lhe e já verá...

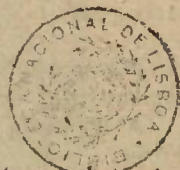
E Jaime, em o seu tutor lhe falou, disse que, ainda compreendendo como Generosa era boa, preferia que cada qual vivesse em sua casa. Não se deixou convencer por nenhuma das razões que lhe deu D. Indalécio em repetidas conversas. Ainda que o não confessasse, era para ele um grande sacrificio privar-se da companhia de Generosa, que lho proporcionava tranqüilas alegrias e docuras nunca conhecidas antes; mas parecia-lhe sagrado dever seu para com a memória de sua mãe separar-se de quem tinha vindo ocupar o seu lugar na casa. Em vão se esforçou D. Indalécio por tirar-lhe tal ideia da cabeça. Jaime aferrava-se ardentemente a ela com tanta paixão como a um principio religioso.

(Continua).

FIGURAS DO MÊS:



MANUEL TEIXEIRA GOMES
NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA



INICIANDO a sua nova secção — *Figuras do mês* —, a *Alma Nova* saúda no eminente estadista eleito para o mais alto cargo da magistratura nacional, Sr. Manuel Teixeira Gomes, a gloriosa província que lhe foi berço, e faz votos para que o seu tacto político consiga, não só libertar o país da irreparável catástrofe que o espreita, mas ainda encaminhar os governos do seu quadriénio a uma mais acentuada dedicação pelos interesses das Províncias.

Além de colado político e verdadeiro homem de Estado, o ilustre sucessor do Sr. Dr. António José d'Almeida no Palácio de Belém, é não só um dos espíritos portugueses mais brilhantes e cultos da nossa *élite* intelectual, mas ainda, de-certo, um patriota sincero. Como escritor, os seus livros têm merecido excelentes peças laudatórias de escritores da nomeada de Fialho d'Almeida e Malheiro Dias, não hesitando o próprio Sr. Fidelino de Figueiredo, um dos nossos maiores e mais exigentes críticos literários da actualidade, em reconhecer-lhe predicados muito apreciáveis, como: "distinto poder de visão plástica e colorista"; notável "observação pictórica", e "certo humorismo gracioso".

O Sr. Teixeira Gomes nasceu em Vila Nova-de-Portimão, a 27 de Maio de 1862, e fez os seus estudos até ao 1.º ano da Universidade, que frequentou em Coimbra.

A literatura, os negócios e o amor das viagens, cedo o absorveram demasiado para que se decidisse completar um curso.

Veio a República e foi nomeado ministro de Portugal em Londres, função que desempenhou, com pequenas intermitências, até à sua actual eleição para Presidente.

O seu longo convívio com uma das côrtes mais protocolares da Europa e com a qual mais íntimas relações Portugal hoje precisa manter, devem ter-lhe desenvolvido suficientemente o seu criterioso espirito de diplomata, para que deva saber desempenhar-se, útilmente para o país, das altas funções governativas de que foi investido.

M. M.

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA"

"DA VERDADE"

POR JOÃO JOSÉ GOMES

(ESCUPTOR)

A Mulher:

O homem é Pensamento; a Mulher é Sentimento.

Ora, é o que faz sentir mais o prazer ou a dor: um pensamento ou um sentimento?

Um sentimento.

O *sentir* uma dor é sempre mais doloroso do que pensar numa dor; como o *pensar* num prazer é sempre menos embriagante do que *sentir* um prazer.

Por isso a Mulher é superior ao Homem.

*

Podemos mesmo dizer que a Mulher é superior, intelectualmente, ao Homem, porque o próprio sentimento é uma manifestação intelectual.

*

O Homem, à medida que vai avançando na civilização, vai *sentindo* mais, — porque é mais Perfeito.

Logo, a Mulher, por *sentir* mais, vai ficando mais perfeita também do que ele.

*

Dizem que a Mulher é fraca, justamente por ser mais sentimental.

A fraqueza da Mulher é a sua Força.

O Suicídio:

O suicídio pode vir da luta com as necessidades, ou da luta com os próprios pensamentos.

*

Numa sociedade onde os homens possam satisfazer todas as necessidades físicas, não deixará de haver suicidas, — a não ser que nessa sociedade seja desconhecido o Pensamento...

*

O homem profundamente intelectual pode ser levado à doidice, ou ao suicídio.

Porque a luta intelectual é um fogo, e quanto mais intelectual for o indivíduo mais sente no seu íntimo essa luta.

¿E o fogo grande de ela não poderá conduzir ao suicídio?!



"O NATURISTA"

ESCUPTURA DE JOÃO JOSÉ GOMES
Para o livro «Da Verdade», a seguir

Temos uma prova no grande Antero!

*

Antero foi o que será um dia a Humanidade, intelectualmente. Nesse dia será a Morto adorada sobre todas as coisas...

A Moral:

¿Qual é o fim da Moral?

Mostrar as consequências do Amor e do Ódio, o tirar delas a ilação; mostrar as funções do Corpo e do Espírito, e tirar delas a ilação.

E assim por diante...

O Medo:

O encarnado-vivo, translúcido, é o Medo...

O verde-vivo, translúcido, é a Ousadia...

A actual bandeira portuguesa é um pouco a psicologia do Povo Português: Tem medo e é ousado!

*

O Medo é um sinal de perfeição intelectual, é o medo que estimula o sentimento. Bendito seja o medo!

As Ideias:

As Ideias fazem o Pensamento; Os Sentimentos fazem a Força Evolutiva.

A Força Evolutiva é, pois, o nosso Sentimento!

*

¿Quem te manda ter Ideias?

— O meio em que vives.

¿Quem te manda ter Sentimentos?

— As Ideias!

*

Há infinitas correntes magnéticas na atmosfera, correntes que nos fazem agir num dado sentido...

Essas correntes são a «Ordem» de Deus, para alguns; é a Fatalidade, para outros; e é o Acaso, para outros ainda.

Para mim, são correntes atmosféricas.



CRISTO, POR JOÃO JOSÉ GOMES

Para o livro «Da Arte»
(Poemíeromo)

JOÃO JOSÉ GOMES.



LIVROS



Balanço do Outono

A GORA que esta quadra está no seu término, não será talvez ousado fazer-lhe um rápido balanço.

Comecemos:

Poesia. — Foi esta, como sempre, a verdadeira *Lenglen* da época. Mas demonstração de novos, apenas; os velhos, os consagrados, vão emudecendo — ou reservam-se. Dentre os livros destes merece especial menção apenas *Sinal da Sombra*, de Alberto Osório. Dos novos: *De Longe*, de Caltano Campos; *Para Além...*, de Macedo Lopes, e ainda o poema do director desta revista — *Minha Pátria* —, onde Afonso Lopes Vieira, príncipe lusíada das letras, diz ter encontrado «belos versos» e «o belo amor da nossa terra expresso com fervor e anseio puro» e onde um dos nossos mais exigentes estilistas da actual aristocracia literária, o sr. Dr. Júlio Dantas, vê *manter-se viva a esplêndida tradição da poesia algarvia*.

* * *

Prosa. — *Canhenho dum Vagamundo*, do Dr. Ricardo Jorge, e *Do Heroísmo, da Elegância e do Amor*, do Dr. Júlio Dantas, foram, em prosa, os dois verdadeiros livros da época. Ambos são temas leves; bater de asas que recolhem. Citado deve ser ainda o livrinho do alferes António Metelo, sob o título *Timor, fantasma do Oriente*, e o *Sumário de várias crónicas*, de André Brum, que plenamente justifica os créditos humorísticos do autor de *Os meus domingos*, do *Diário de Notícias*, e outras obras que já passaram ao domínio das reedições rêndosas.

* * *

Teatro. — No cartaz, apenas um original de êxito — «A Fera», de Ramada Curto; o resto traduções. O «Mar Alto» de António Ferro deu em marésia pornográfica (?). Nas montanhas, alguns belos números da revista *De Teatro* e o volume *Teatro*, de Raul Brandão. Pouco mais, que valha referência.

* * *

No próximo número iniciaremos a publicação duma estatística do movimento literário e científico em Portugal, com preciosos documentos bibliográficos das principais casas editoras e de depósito de todo o País.

* * *

Passemos à apreciação das obras recebidas:

«**Ritual do Amor**», novela de José Dias Sancho.

Em vez de *novela* devia antes intitular-se *teatro*, este pequeno trabalho.

A novela tem menos diálogo, menos movimento, menos intensidade dramática, — é mais intimista.

José Dias Sancho, que é um dos mais talentosos escritores da nova geração, vai na esteira dos defeitos desta. O *Ritual*, sendo aliás bem trabalhado, é assim, embora o melhor número de toda a efêmera colecção da *Hora Novelesca*, a peor produção literária da nova fase de Sancho.

E porque o autor para triunfar não precisa nunca escolher assuntos escabrosos, nem menos próprios para serem postos em letra redonda, daqui o censuramos muito lealmente, não sem o felicitar, no entanto, pela firmeza do estilo, que achamos capcioso, bem trabalhado, próprio do autor dos *Ídolos de Barro*.

«**Noite de Natal**», um acto, por Assis Esperança:

Já algures dissémos que o teatro português está em crise. O ensaio regionalista em um acto — *Noite de Natal* — que temos presente, da autoria do sr. Assis Esperança, em nada altera uma tal afirmativa. As opiniões do prefácio podem ser muito conscienciosas, não o negamos, a pequenina mostra que o autor a seguir nos dá é que não vemos, todavia, um cunho de realização assás viável. É necessário não pretender fazer regionalismo *à outrance*, aproveitando, à conta de virtudes, o que são apenas defeitos locais. De contrário vamos cair nos mesmos dislates dos que pretendem transportar as scenas da Alfama, e quejandas, para o palco do San-Carlos, e não sabemos mesmo se, dentro em breve, do próprio Nacional.

Técnicamente a peça é bem feita, revela qualidades, tem acção.



ASSIS ESPERANÇA

Se bem que entre o romance e a dramaturgia haja inúmeros pontos de contacto, Assis Esperança, romancista de créditos já firmados com dois belos volumes de duzentas e tal páginas, cada, e algumas curiosas novelas, como «O Rebanho» e «O Vencido», não procede talvez bem, deixando-se absorver demasiado pelas seduções do teatro.

Que micta mais diálogo, mais intensidade, que movimente mais, enfim, os capítulos dos seus romances futuros, aconselhável será, mas que não deixe nunca de fazer romance. Pois não são «A Vertigem» e «Viver!» dois marcos seguros a balizarem-lhe já um caminho de triunfos neste tão difícil género literário?

*

* *

"O Colar", três actos por Rodrigues Alves.

O sr. Rodrigues Alves é um moço jornalista de qualidades, que da imprensa e para a imprensa vive. A sua literatura ressent-se desse ergástulo.

O *Colar*, que talvez desse matéria para três fortes actos de análise social, transforma-se assim em três gotas de champanhe caídas levemente na embriaguez da nossa sensibilidade. Um xadrez que se arma e a vida que corre, com todos os improvisos e baixezas duma vida de falsos mundanisms. Estruturalmente bem conduzida, a peça agradou, manteve-se no cartaz, conquistou para o autor justos foros de dramaturgo.

"Da Arte", por João José Gomes.

O sr. João José Gomes é um jovem escultor português, cujas ideias e preceitos de arte são muito digna mostra de talento.

O seu curioso livrinho *Da Arte*, que com tão nobre e afectuosa dedicatória — «A bela e sensata Revista «Alma Nova», tão necessária ao equilíbrio espiritual moderno» — nos acaba de ser enviado, é uma feliz colectânea das suas opiniões estéticas, onde o artista revela raro senso e muita erudição.

Livros e publicações recebidas e a apreciar no próximo número:

Terras de Fogo e Vizinhos do Mar (2.ª edição), por Julião Quintinha; *Élogos de Bernardim Ribeiro*, por Marques Braga; *Os deuses extinguem-se...*, por Archer de Lima; *Campanhas Camilianas*, por Oldemiro César e Cruz Magalhães; *O Inverosímil, Conferência proibida*, por Cruz Magalhães; *Minha Pátria*, poema em 3 livros e 3 jornadas, por Mateus Moreno; *A Educação Moral pelos exercícios de redacção* (com a metodologia deste ensino), pelo Dr. José Guerreiro Murta, e as revistas *Aguia*, do Porto; *Os Açores*, de Ponta-Delgada, e a *Seara Nova*, de Lisboa.

Livros... Livros... Livros...

Visitai a *Livraria Sá da Costa*, onde se encontram livros sobre todos os géneros e em todas as línguas, e, quando não tenha em depósito, encarrega-se de mandar vir de todos os países, com a maior rapidez e economia.

Especialidade em: Literatura, Livros Técnicos, Livros antigos e modernos, Livros de ocasião, com grande redução de preço.

Livros para todas as Escolas do País.

Livraria Sá da Costa

Poço Novo, 24

2, Travessa do Convento de Jesus, 6

LISBOA

Telef. C. 3841.

Biblioteca da "ALMA NOVA"

(Edições Ressurgimento)

- Sangue d'Epopeia — A Artilharia Portuguesa na Flandres**, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1 vol. ilustr., broc. 4\$00
- De Portugal à Flandres**, id., id. 1\$00
- Sinfonia Macabra — Máximas da Kullur**, id., id., broc. 1\$00
- Minha Pátria — Poema em 3 livros e 3 Jornadas**, id., id., 2.ª edição, cada livro. 1\$00
- Obra completa: { brochado . . . 3\$00
{ cartonado . . . 7\$00
- Pátria e Exército — Oração da bandeira**, id., opusc., (esgotado).
- Cantigas** (2.ª edição), por REBELO DE BETTEN-COURT. 1 vol. broc. 2\$50
- Campanhas Camilianas**, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES. 1 vol. broc., com ils. de Rafael Bordalo 5\$00
- A Entrevista**, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. ils. . . 1\$50
- O Inverosímil — Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINCHA DE NADAVALE**, por CRUZ MAGALHÃES. 2\$00
- A Educação Moral — Pelos exercícios de redacção**, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA 4\$00
- O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo**, por SAAVEDRA MACHADO; edição profusamente ilustrada (a entrar no prelo).
- Eça de Queirós — Revelações Íntimas**, por D. C. D'EÇA DE MELO, edição ilustrada (a entrar no prelo).

Pedidos à C. João do Rio, S.-L. — Lisboa

: : Os melhores cursos : : de Escrituração e Contabilidade

Para se conseguir um bom lugar no comércio bastam três ou quatro meses de estudo feito em casa. Tais são as enormíssimas vantagens dos cursos professados no

Instituto Nacional

DE

Ensino por Correspondência

L. Trindade Coelho, 6 — LISBOA

que tem alunos em todo o continente, ilhas, colónias, Brasil, Estados Unidos da América e outros países.

Enviam-se gratuitamente todas as condições de matrícula e prospectos contendo os melhores testemunhos da rapidez, eficácia e economia dos cursos referidos.

Quere dinheiro?

Jogue no

Gama

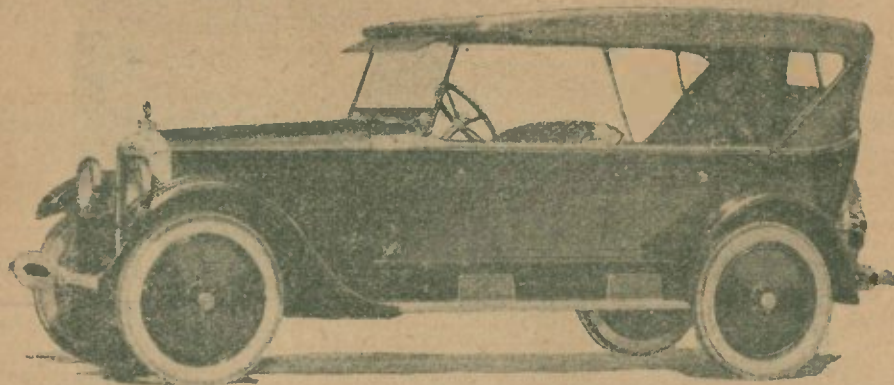
R. do Amparo, 51

LISBOA

Telefone: Norte 4020

AUTOMÓVEIS STUDEBAKER

DA SÉRIE 1924, JÁ EM PREPARAÇÃO



Como os das duas séries anteriores, são resistentes, económicos, elegantes nas suas linhas inconfundíveis, e oferecem o máximo conforto. Novos e importantes melhoramentos na sua mecânica.

Três tipos de chassis com 13 carroseries diferentes.

C. SANTOS, L.^{DA} STAND — Rua Nova do Almada, 86 a 90
 — LISBOA — ESCRITÓRIO — Rua Nova do Alameda, 80

OURIVESARIA DOS ACÚRCIOS

: DE JACINTO BOTELHO MONIZ, SUCESSOR :

ESTA É A OURIVESARIA MAIS BEM MONTADA E A QUE
 : : : : : MAIS BARATO VENDE NOS AÇORES : : : : :
 ESCOLHIDO E VARIADO SORTIMENTO DE ARTÍSTICAS
 JOIAS E GRANDE STOCK DE TODA A ESPÉCIE DE ARTI-
 GOS DE OURO, PRATA, PRATA E CRISTAL, EM ESTOJOS.

E PRÓPRIOS PARA BRINDES:

Serviços de prata, para chá, para *toilette*, centros de mesa, Coróas
 do Espírito Santo, etc., executando qualquer encomenda destas Co-
 : : : : : róas dentro de trinta dias : : : : : :

COMPRA BRILHANTES E DIAMANTES, PEDRAS PRECIO-
 SAS E OBJECTOS USADOS DE PLATINA, OURO E PRATA,
 : : : : : PELOS MELHORES PREÇOS : : : : : :

32, LARGO DA MISERICÓRDIA, 34

San-Miguel, Açores

PONTA-DELGADA

LEIA
E
ANUNCIE
NA"SANGUE D'EPOPEIA"
POR MATEUS MORENOASSINE
E
RECOMENDE
A

A

L

M

A

::

N

O

V

A

E' O ÚNICO
VERDADEIRO LIVRO
DAARTILHARIA PORTUGUESA
NA FLANDRESAutorizadas em Ordem
do Exército todas as uni-
dades a adquirir 1 exem-
plares :: :: :: ::Edição profusamente
ilustrada

Preço, franco porte:

Esc. 4\$00.

:: Depósito: C. João do Rio, 8-l.º — LISBOA ::

A

L

M

A

::

N

O

V

A

O VERDADEIRO
CATECISMO DE
TODO O BOM
PORTUGUÊS É"Minha Pátria"
Poema em 3 Livros e 3 Jornadas
POR MATEUS MORENOOBRA COM-
PLETA:
Broch. 5\$00
Cart. 7\$00

: Director Literário e Gerente :

: : Mateus Moreno : :

: : : Director Artístico : : :

J. Saavedra Machado

ALMA NOVA

: : : Secretário Geral : : :

Rebello de Bettencourt

: : : : REDACÇÃO : : : :

: C. João do Rio, 8-1.º :

: : : : LISBOA : : : :

: : PROGRAMA : :

Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto
das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas

DIRECTORES DE SECÇÃO:

Dr. Ascensão Mendonça (Ciências Naturais); Dr. Braga Paixão (Açores); Dr. Cláudio Basto (Minho); Eduardo Romero e Martinho da Fonseca (Pintura); Francisco Santos (Escultura); Francisco Valença (Caricatura); Jorge Segurado (Arquitectura); Tenente José Brandão (Douro); Dr. José Guerreiro Murta (Letras); Dr. José Gonçalo Santa Rita (Crónica Política e Social, e Colónias); J. Rodrigues Cosme (Teatros); Luís Chaves (Trás-os-Montes); M. A. (Modas); Dr. Maquiias Pereira da Silva (Turismo); Nuno Cruz (Coimbra); Dr. Pedro Júdice e Samora Barros (Algarve); Dr. Teófilo Júnior (Pedagogia).

Representantes e Agentes nas principais cidades do País, Colónias e Brasil

III SÉRIE — N.º 13, 14 e 15 : : : JAN.-MARÇO de 1924

: : SUMÁRIO : :

<i>Canções</i> , Quadro de Columbano Bordalo Pinheiro . . .	1	<i>A voz das províncias: O Algarve e a sua autonomia administrativa</i> , carta de Ferreira Neto (com ils. e 7 retratos) . . .	20
<i>Notas & Comentários</i> , por M. M.	2	<i>Elementos etnográficos: A Senhora Princesa do Ouro</i> , por Luís Chaves (c. 2 ils. de S. Machado) . . .	22
<i>Problemas actuais: A rentodelação dos serviços públicos e a redução dos quadros do funcionalismo</i> , por F. do Carmo e Cunha (com retrato) . . .	3	<i>A Mulher Portuguesa: IV—A mulher do Minho</i> , por Cláudio Basto (com ils. de Couto Viana) . . .	23
<i>Crónica Política e Social: Educação sexual</i> , por Ascensão Contreiras (com retrato)	9	<i>Aspectos e impressões: Em Vale-de-Lobos</i> , por José Osório	25
<i>Os nossos Poetas: Contraste e Cruz Alta</i> (Serra de Sintra), sonetos de Francisco Costa (com retrato) . . .	11	<i>Ritmos: Mínimas</i> , por José Brandão; <i>A Mulher que passou no Chiado</i> , por Luís d'Oliveira Guimarães (c. 2 ils. de Isaura Cavalheiro)	26
<i>Intimidade</i> , versos de João de Lebre e Lima; <i>Ascensão</i> , soneto de Adelino da Palma Carlos	12	<i>Ensinamentos da Grande Guerra: A Aeronáutica Militar</i> , pelo capitão Avila Madruga	27
<i>Figuras do mês: Dr. Teófilo Bragn</i> , por Mateus Moreno (com 1 busto por Simões d'Almeida Sobr.) . . .	13	<i>Notas subsidiárias para uma Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra</i> , pelo ten. José Brandão	29
<i>Dr. Ferreira da Silva</i> , por M. Silva (com retrato)	14	<i>Página Luso-Brasileira</i> , pela Redacção	31
<i>Turismo: Coimbra, centro de Turismo</i> , e <i>O Senhor da Serra de Semide</i> , por A. de Pádua e Alvaro V. Lemos (com ils. de Alvaro Lemos, Nuno Cruz e S. M.)	15	<i>Arte: Exposições</i> , por Saavedra Machado	32
<i>O Algarve pitoresco: Alte — « queda do Vigário »</i> (fot.)	17	<i>Teatro, Música, Cinemas: O amor na vida e nas obras dos compositores</i> , por Mário Gonçalves Viana; <i>As nossas actrises: Amélia Rey Colaço</i> , pela Redacção	34
<i>Alte, formosa e florescente povoação da beira-serra algarvia</i> , Geraldino de Brites e Pedro M. Júdice (c. 1 fot. e 2 retratos)	18-19	<i>Livros e Autores</i> : por José Guerreiro Murta e M. M.	36

Em Separata: Camilo Castelo Branco, por SAAVEDRA MACHADO.

Capa: Retrato, por TEODÓSIO A. FERREIRA, discípulo de Columbano. (3.ª medalha na última exposição da S. N. B. A., realizada em Abril de 1923).

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas, Trimestre (3 n.ºs) 4\$00; Semestre (6 n.ºs) 8\$00; Ano (12 n.ºs) . . .	15\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	20\$00
Brasil e restantes países (idem)	25\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$50

ATENÇÃO: — Não fica prejudicado o assinante, quando circunstâncias anormais, que procuraremos no entanto evitar, demorarem a saída da revista, porque no acto de pagamento das assinaturas se fixam sempre os números a receber, que são os referentes aos períodos pelos quais as mesmas são tomadas. O número de páginas de cada fascículo é variável, não tendo porém nunca cada volume anual (de 12 números) menos de 144 páginas de texto e 12 separatas de Arte.

Propriedade e edição da Empresa Cooperativa de Arte e Publicidade "Ressurgimento,"

• ALMA NOVA •

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

DIRECTORES

ARTÍSTICO: J. SAAVEDRA MACHADO

LITERÁRIO E GERENTE: MATEUS MORENO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

C. JOÃO DO RIO, 8-1.º—LISBOA

VOL. II

JAN.-DEZ. 1924

: : N.ºs 13-24 : :

: (3.ª SÉRIE) :